

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**A Representação do *Red Scare* na Mídia: uma análise do *New York Tribune***

Camila Campos Marcet

PORTO ALEGRE  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

***A Representação do Red Scare na Mídia: uma análise do New York Tribune***

Camila Campos Marcet

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Arthur de Lima Avila

PORTO ALEGRE  
2015

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao Professor Arthur por suas aulas de História dos Estados Unidos, sem as quais a inspiração para esse trabalho nunca teria surgido. Obrigada também pelo seu apoio, suas dicas, sua orientação e sua paciência durante o processo de construção desse trabalho.

Gostaria também de agradecer aos meus pais por todas as oportunidades que vocês batalharam para me proporcionar e que me trouxeram até esse momento. Agradeço à minha mãe pelos seus abraços, indispensáveis para a finalização desse trabalho. E ao meu pai, pela companhia enquanto assistíamos aos jogos de futebol *estadunidense* e eu lia a minha fonte primária.

Agradeço também a outro professor, amigo, que me forneceu grande parte das ferramentas necessárias para esse projeto. A maior parte do que sei de inglês, e da vida, foi você quem me ensinou.

Aos meus amigos, agradeço a paciência, a companhia nas cervejas e nos almoços. Agradeço também as manifestações de apoio e todas as promessas de encontros e reuniões para depois da entrega do trabalho. Obrigada por me tirarem de casa para esfriar minha cabeça, lerem meus textos, alugarem livros para mim e ouvirem minhas reclamações.

Agradeço ao curso de História da UFRGS pelos aprendizados tanto dentro quanto fora de sala de aula, mas, principalmente, agradeço por me apresentar a três amigas maravilhosas que carregarei comigo onde quer que a vida nos leve. Meninas, a minha vida é mais colorida e engraçada com vocês nela. E mais feminista, é claro. Nesse momento, agradeço, em especial, à Marimari, por segurar minha mão, dar dicas e atender todas as minhas ligações desesperadas.

Gostaria de agradecer, também, à minha família gaúcha. Obrigada por nos acolherem, aqui, nessa terra fria e inóspita. Agradeço os convites para os almoços de domingo, o carinho e o amor. Família que a gente escolhe é mais bonita ainda.

## RESUMO

O presente trabalho almeja investigar o contexto e os eventos do período conhecido como o primeiro *Red Scare*. Com início em fevereiro de 1919 e término, quase um ano depois, em janeiro de 1920, esse intervalo de tempo foi bastante atribulado, marcado por greves, atentados de bombas e repressão política contra comunistas, anarquistas, socialistas, negros e imigrantes. A repressão culminou na deportação forçada de imigrantes considerados radicais, um caso único na história dos Estados Unidos. Esse estudo pretende analisar esse período através da perspectiva da imprensa conservadora, mais especificamente, através de uma análise de edições do *New York Tribune* publicadas durante o período. Para isso, será preciso debater e se posicionar dentro do debate teórico das causas do *Red Scare*. O *Tribune*, baseado na cidade de Nova York, proporciona uma visão conservadora e apoiada nos preceitos do Partido Republicano estadunidense. O trabalho analisará a representação desse jornal sobre os eventos mais importantes do *Red Scare*, assim como dará enfoque a questões específicas que abrangem todo o período, sendo elas a luta contra o radicalismo na educação, a presença das mulheres e a questão racial.

**Palavras-chave:** *Red Scare*; *New York Tribune*; Ameaça Vermelha; imprensa; mídia; Estados Unidos.

## ABSTRACT

The following paper aims to investigate the context and the events of the period known as the first Red Scare. Begun in February of 1919 and finished, almost an year later, in January of 1920, this time period was filled with agitation, characterized by strikes, bomb attacks and political repression towards communists, anarchists, socialists, black people and immigrants. The repression reached its peak in the forced deportation of immigrants who were considered radicals, an unique case in the history of the United States. This study aims to analyze this period through the perspective of the conservative press, more specifically, through the analysis of the issues of the *New York Tribune* published during this period. In order to do so, a brief review of the theoretical debate on the causes of the Red Scare will be necessary. The *Tribune*, set in New York, offers a conservative point of view, based in the principles of the Republican Party of the United States. This study will analyze the paper's perspective on the most important events of the Red Scare, as well as focus on specific aspects which comprise the entire period, such as the struggle against radicalism in education, the presence of women and the racial aspect.

**Keywords:** Red Scare; *New York Tribune*; press; United States.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZANDO O <i>RED SCARE</i>.....</b>	<b>13</b>
1.1 A Era Progressista (1900-1916).....	13
1.2 O Esforço de Guerra e a Volta à Paz.....	16
1.3 A Mídia nos Estados Unidos e o <i>New York Tribune</i> .....	20
1.4 A Esquerda nos Estados Unidos.....	23
1.4.1 A <i>American Federation of Labor</i> e os <i>Wooblies</i> .....	23
1.4.2 O Partido Socialista.....	25
<b>CAPÍTULO II: O <i>RED SCARE</i> E O <i>NEW YORK TRIBUNE</i> – PARTE I.....</b>	<b>27</b>
2.1 A Greve Geral de Seattle.....	27
2.2 A Lista de Honra das Bombas.....	30
2.3 Os Tumultos de Primeiro de Maio.....	33
2.4 As Bombas de Junho.....	35
2.5 O Comitê Overman.....	37
2.6 O Comitê Lusk.....	39
2.7 A Batalha contra o Radicalismo nas Escolas.....	43
<b>CAPÍTULO III: O <i>RED SCARE</i> E O <i>NEW YORK TRIBUNE</i> – PARTE II.....</b>	<b>47</b>
3.1 A Greve de Policiais em Boston.....	47
3.2 A Greve de Aço.....	48
3.3 A Greve do Carvão.....	50
3.4 O Massacre de Centralia.....	52
3.5 As <i>Palmer Raids</i> .....	54
3.6 As Mulheres Durante o <i>Red Scare</i> .....	57
3.7 A Questão Racial.....	60
3.8 O Fim do <i>Red Scare</i> .....	62
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>

**BIBLIOGRAFIA..... 67**

## INTRODUÇÃO

Era dezembro de 1919 e um navio de nome USS Buford saiu do porto de Nova York, rumo à Finlândia. Mais conhecido como a Arca dos Soviéticos, o navio carregava 249 passageiros, entre eles Emma Goldman e Alexander Beckman. Todos os passageiros eram estrangeiros e estavam sendo deportados dos Estados Unidos. A maioria deles estava sendo expulsa do país por defender posições políticas consideradas radicais. Esse episódio é um símbolo do período da História estadunidense que ficou conhecido como o *Red Scare*<sup>1</sup>.

O presente trabalho pretende analisar o *Red Scare* através da perspectiva oferecida pelo *New York Tribune*. O foco estará nos eventos mais públicos desse período conturbado e na maneira em que foram noticiados pelo jornal selecionado. Além disso, foram selecionados eixos que perpassam todo o período para serem trabalhados de maneira mais destacada. Apenas três aspectos, dentro de vários possíveis, foram escolhidos para esse tratamento especial: a presença das mulheres, o radicalismo na educação e a questão racial. Os três eixos serão avaliados por meio de seu tratamento na fonte primária.

Iniciado em fevereiro de 1919 com a deflagração da greve geral de Seattle, o *Red Scare* foi um período de intensa repressão a agitações sociais, comunistas, radicais e negros. Estrangeiros considerados perigosos foram deportados em massa e sedes de organizações chamadas ‘radicais’ foram invadidas e tiveram seus materiais recolhidos e seus membros presos. Em janeiro de 1920, momento em que as ações governamentais para reprimir liberdades, prender e deportar radicais começaram a ser questionadas, já se inicia o declínio do *Red Scare*<sup>2</sup>.

O *Red Scare* foi descrito por Murray (1964) como o resultado da influência da histeria do público em geral no governo federal que teria sido, portanto, forçado a agir contra o radicalismo na sociedade através, principalmente, do Departamento de Justiça e do *Bureau of Investigation*<sup>3</sup>. Ao longo do tempo, o governo que antes relutava em fazer parte da campanha anti-radical sucumbiu à histeria coletiva e passou a participar mais efusivamente do processo de apreensão e deportação de imigrantes.

Para Pfannestiel (2003) a máquina de propaganda do Comitê de Informação Pública criada durante a guerra para influenciar a opinião pública foi bastante efetiva. Tão efetiva que

---

<sup>1</sup> Tradução livre pela autora: Ameaça Vermelha.

<sup>2</sup> As datas utilizadas aqui para o início e o fim do *Red Scare* são as propostas por Schmidt (2004). Pfannestiel (2003), por exemplo, propõe que, especialmente no estado de Nova York, o *Red Scare* durou por até mais três anos. Seus argumentos para tal suposição serão expostos mais adiante no trabalho, no capítulo Fim do Red Scare

<sup>3</sup> Tradução livre: “Escritório de Investigação”; depois renomeado Escritório Federal de Investigação, ou FBI.



ao final da guerra, o patriotismo militante e o ódio dos cidadãos estavam no limite da histeria. “Americanos buscavam um novo inimigo para servir como bode expiatório para os novos desafios que eles enfrentavam; radicais de todos os tipos se provaram alvos fáceis”<sup>4</sup> (p.05). Para o autor, a representação e a avaliação errôneas da ameaça comunista contribuíram para histeria que viria a se transformar no *Red Scare*, quando aliadas ao contexto tribulado de greves e da volta à paz com todas as suas consequências para a economia.

Schmidt (2004), no entanto, não avalia o *Red Scare* como resultado de uma histeria, nem pública e nem governamental. Ele critica essa visão do período porque teria “[...] diminuído o significado de diferenças básicas de grupos e conflitos e ao invés disso assumido que eventos e políticas públicas foram apoiados por um consenso dos americanos”<sup>5</sup> (p.32). O autor acredita que, ao olhar para os grupos da sociedade que pudessem estar interessados em uma campanha anti-radical, é possível explicar melhor as causas do *Red Scare*.

O primeiro desses grupos a serem levados em consideração é a parcela da sociedade afetada pelo aumento dos direitos trabalhistas durante a guerra, por exemplo, os empregadores. A reação dos donos de negócio e de conservadores em geral ao aumento de poder das organizações trabalhistas veio em forma da campanha pela *open shop*<sup>6</sup>. O objetivo era diminuir o poder de barganha dos sindicatos e permitir que os empregadores pudessem demitir seus funcionários sindicalizados e contratar empregados sem afiliação.

Com o objetivo de ganhar apoio para o que era, no fundo, uma campanha para quebrar os sindicatos, uma extensiva iniciativa de propaganda foi organizada [...] O objetivo principal da propaganda era desprestigiar os sindicatos, chamando-os de Bolcheviques e estrangeiros aos valores americanos.<sup>7</sup> (SCHMIDT, 2004, p.33)

Por outro lado, Schmidt chama atenção para o papel das sociedades patrióticas que se espalhavam pelo país no período pós-guerra e para a sua relação próxima aos homens de negócio, tais como a Sociedade de Defesa Americana e a Liga de Segurança Nacional. Essas sociedades também lançariam sua própria campanha publicitária anti-radical com o objetivo de atacar as organizações trabalhistas.

---

<sup>4</sup> No original: “Americans sought a new enemy to serves as a scapegoat for the challenges facing them; radicals of all kinds proved to be easy targets.”

<sup>5</sup> No original: “[...] that it to some extent downplayed the significance of basic group differences and conflicts and instead assumed that public events and policies were supported by a consensus of Americans.”

<sup>6</sup> Tradução literal pela autora: loja aberta. O conceito se opunha a *closed shop*, ou loja fechada, que exigia que todos os empregados fossem ligados a sindicatos, enquanto a *open shop* defendia que não houvesse discriminação entre trabalhadores sindicalizados e não sindicalizados.

<sup>7</sup> No original: “In order to win support for what was at bottom a union-breaking campaign, an extensive propaganda drive was organized [...] The main goal of the propaganda was to discredit unions as subversive, Bolshevistic and alien to basic American values.”

Para Schmidt (2004), portanto, a campanha anti-radical de fora do governo federal era parte de uma campanha política conservadora liderada por donos de negócios e seus aliados políticos através da imprensa, das sociedades patrióticas e até mesmo das legislaturas estaduais, onde esses agentes tinham grande poder. Para ele, a opinião popular, com sua intolerância política e posicionamento contra a imigração teve o papel de permitir que a elite e o governo perseguissem os radicais e também, mais tarde, de traçar os limites para ela.

Por outro lado, sobre a suposta histeria governamental que levaria à perseguição e subsequente expulsão de centenas de imigrantes, Schmidt defende que a política do governo federal e estadual durante o *Red Scare* é mais uma continuidade do que resultado de uma histeria. O autor argumenta que o controle social pelo Estado seria parte de um processo crescente de federalização e burocratização e que poderia ser considerado paralelo à crescente intervenção do Estado na economia. A preocupação e as ações contra os elementos radicais e/ou dissidentes que antes haviam sido feitas apenas por sociedades patrióticas caíram sob responsabilidade do Estado e seus novos órgãos dedicados a isso: a Divisão Radical e o *Bureau of Information*.

Outro agente que contribuiu para o *Red Scare* foi a imprensa sensacionalista. Para Schmidt, havia um exagero sistemático por parte dos jornais ao anunciar os casos durante esse período. Uma das principais razões para esse interesse da imprensa na promoção e na continuidade do *Red Scare* seria que os radicais serviam como substitutos para as notícias sobre a guerra, que haviam aumentado a circulação dos jornais.

Além disso, boa parte dos jornais maiores e mais influentes eram propriedades de pessoas ideológica ou diretamente conectadas aos interesses dos empregadores. O autor cita o *New York Times*, o *Washington Post* e o *Chicago Tribune* como exemplo de jornais que traziam não só uma linha editorial pró-negócios, mas também demonstravam sua posição política em suas manchetes. Podemos, também, acrescentar a essa lista o *New York Tribune* que é citado por Pfannestiel (2003), entre outros jornais, devido ao seu papel na criação e na manutenção do *Red Scare*. Esse papel foi da imprensa conservadora nova-iorquina em geral, no estado de Nova York a partir de seu apoio às medidas governamentais para conter o radicalismo. Murray (1964), por sua vez, também utiliza o *New York Tribune* como exemplo do exagero por parte dos jornais nas notícias sobre as greves do período do *Red Scare*.

A imprensa conservadora também teve seu papel na fundamentação da teoria tradicional sobre o *Red Scare*, argumenta Schmidt (2004). Nessa teoria, cujo principal representante é Murray (1964), foi a opinião pública e a histeria popular que influenciaram as

atitudes do governo. Schmidt argumenta que a análise de Murray da opinião pública é baseada principalmente na leitura de um grande número de jornais e que essa não seria uma forma justa de avaliar a opinião pública. Além disso, a maioria dos trabalhos sobre o assunto se utilizam da análise de Murray para continuar a defender a opinião pública e a histeria coletiva como causas do *Red Scare*. Para Schmidt, no entanto, é difícil analisar a opinião pública antes das pesquisas de opinião.

Sobre essa questão, Bourdieu, em sua crítica às pesquisas de opinião, separa a opinião pública entre aquela mostrada pelas pesquisas e a situação real, onde “[...] as opiniões são forças e as relações entre opiniões são conflitos de força entre grupos.” (BOURDIEU, 1987, p. 180). Essa visão vai ao encontro da análise de Schmidt (2004) que propõe que devemos aceitar que conflitos sociais estavam ocorrendo durante o período e analisar aqueles grupos que poderiam ter um interesse nessa campanha anti-radical e possuíam a capacidade de promovê-la, tais como a comunidade de negócios e outros grupos conservadores.

Portanto, ao analisar o período determinado sob a perspectiva da mídia não podemos encará-la como uma representação da opinião pública, mas, sim, como um meio que representa um grupo social e que está em conflito com outros grupos para impor a sua visão (CHAMPAGNE, 1996). Sobre a influência da mídia no público-leitor e seus limites, Briggs e Burke defendem que:

Intenções imediatas, estratégias e táticas dos comunicadores precisam estar sempre relacionadas ao contexto nas quais operam, assim como as mensagens que transmitem. Os efeitos a longo prazo, especialmente as consequências surpreendentes e involuntárias do uso de determinado meio de comunicação, são mais difíceis de separar, mesmo que haja um distanciamento em razão do tempo decorrido. (BRIGGS; BURKE, 2004, p.17).

Dentro dessa perspectiva é que se dará a análise da fonte primária selecionada para o trabalho: o *New York Tribune*. As edições avaliadas foram selecionadas de acordo com a temporalidade proposta por Schmidt (2004) para início e o fim do *Red Scare*. No entanto, para fins de comparação e de análise da estrutura do jornal, a leitura foi feita a partir do primeiro dia do mês de fevereiro de 1919 até o último dia do mês de janeiro de 1920.

A análise da fonte será baseada na visão de Luca (2005), ou seja, de que o periódico como fonte deve ser analisado dentro de uma série. O conteúdo do que é lido no jornal não pode ser considerado isolado do contexto da publicação e essa não pode estar dissociada da história da imprensa. Portanto, o primeiro capítulo do trabalho que se dedica a contextualizar

o período do *Red Scare* na História dos Estados Unidos, também terá um esforço para localizar o *New York Tribune* e o ano de 1919 na história da imprensa escrita dos Estados Unidos.

O segundo capítulo analisará os eventos mais públicos do *Red Scare* como descritos por Murray (1964), Schmidt (2004) e Pfannestiel (2003), ao mesmo tempo em que compara e descreve a cobertura desses eventos pelo *Tribune*. Além disso, será trabalhada a participação e a representação das mulheres no *Tribune*, além da questão racial e da luta contra o radicalismo nos ambientes escolares. A análise da cobertura da mídia se preocupará em levar em conta o destaque conferido as notícias, o que pode ser avaliado através de que tipo de matéria ocupa a capa do jornal, por exemplo (LUCA, 2005). Ao final, serão apresentadas as considerações finais da autora sobre o assunto.

A fonte primária, assim como a maior parte das leituras realizadas para a construção desse estudo estava em língua inglesa. As citações apresentadas foram traduzidas pela autora, exceto se houver indicação do contrário.

Esse trabalho é um esforço de ampliação dos estudos e dos debates sobre a História dos Estados Unidos. Especialmente sobre esse período, é difícil encontrar bibliografia em português sobre o tema. Nesse sentido, esse estudo, humildemente, pretende ajudar a suprir essa ausência. Estudar períodos de intolerância política, principalmente sob a perspectiva da mídia, faz sentido dentro do contexto atual político brasileiro, mas também dos Estados Unidos. Ambos os países passam por períodos de agitação e de visibilidade de movimentos sociais e analisar o comportamento midiático em tempos passados pode vir a ajudar a compreender a situação e resposta da mídia nesse momento.

## CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZANDO O *RED SCARE*

### 1.1 A Era Progressista (1900-1916)<sup>8</sup>

O início do século XX nos Estados Unidos foi marcado por uma expansão econômica, um crescimento urbano e por um movimento que tentava mudar significativamente a vida social e política dentro do país. O movimento progressista foi apoiado por diferentes grupos sociais, tais como: ativistas mulheres, cientistas sociais, ativistas do movimento trabalhista, uma classe média ameaçada pela poder dos grandes negócios e até homens de negócio que acreditavam numa maior participação da classe trabalhista.

Se por um lado a Era Progressista foi um período de expansão econômica, por outro deixou clara e incontestável a desigualdade econômica e as más condições de vida das classes mais baixas. Ao mesmo tempo em que foi uma época de expansão do conceito de liberdade – econômica e política – a nova forma de supremacia branca foi consolidada e o movimento de Americanização surgiu para garantir que os imigrantes fossem “incorporados” a cultura do país.

O grande foco das políticas do movimento progressista foi as cidades. As más condições de vida urbana e industrial foram denunciadas por jornalistas que escreviam para publicações de escopo nacional<sup>9</sup>. Denúncias de corrupção também se somaram e não foram feitas exclusivamente por jornalistas, romances da época também trabalhavam com as questões sociais do ambiente urbano.

As cidades também foram símbolo da sociedade de consumo em massa que começava a surgir nessa época. Era a primeira vez em que a sociedade de maneira geral podia ter acesso aos bens produzidos pelas indústrias nacionais. Essa abundância e nova forma de consumo viriam a ser ligadas a um novo e emergente conceito de ‘liberdade’.

A promessa de abundância deslocou a procura por liberdade para o âmbito da vida privada, mas também inspirou ativismo político. Exclusão do mundo do consumo em massa viria a ser percebido como uma negação dos direitos

---

<sup>8</sup> As informações presentes nesse capítulo estão disponíveis em: FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010 e HAYDEN, Joseph. *Negotiating in the press: American journalism and diplomacy, 1918-1919*. Louisiana State University Press, 2010.

<sup>9</sup> “Muckrackers”: expressão de Theodore Roosevelt para descrever jornalistas que expõem o lado ruim da vida nos Estados Unidos (FONER, 2010).

de cidadania tão grande quanto ser impedido de votar havia sido. (FONER, 2010, p.736).<sup>10</sup>

Esse ativismo político destacado por Foner pode ser visto no surgimento de conceitos como *living wage*<sup>11</sup> e padrão americano de vida. Essa nova linguagem servia para criticar a diferença de poder econômico entre classes dentro dos Estados Unidos e demonstra a influência que a sociedade de consumo em massa teve nas concepções de cidadania e liberdade.

Outra característica da Era Progressista foi o pico da onda da “nova imigração”. Cerca de 13 milhões de imigrantes chegaram aos Estados Unidos entre 1901 e o começo da Primeira Guerra Mundial em 1914 (FONER, 2010). Esse movimento migratório fazia parte de uma onda de migração mundial com causas variadas e os imigrantes que chegavam aos Estados Unidos vinham de várias partes. Italianos, Chineses, Mexicanos e Europeus Orientais, por exemplo, entraram nos Estados Unidos nessa época. “Em 1910, um sétimo da população americana era de origem estrangeira, a maior porcentagem na história do país. Mais de 40 por cento da população de Nova York havia nascido no exterior.”<sup>12</sup> (FONER, 2010, p.731). Os imigrantes formavam comunidades étnicas fechadas e, como consequência, Foner destaca que em 1900, mais de 1000 jornais eram publicados em língua estrangeira em Nova York.

A maioria dos imigrantes viria a fazer parte da força de trabalho industrial. Nessa nova perspectiva de cidadania, onde consumir era participar, os salários baixos eram vistos como falta de liberdade. Nesse mesmo sentido, mesmo os trabalhadores mais habilidosos e, portanto, mais bem pagos também demonstravam insatisfação com o processo monótono industrial e sua consequente perda de liberdade.

Esse período foi marcado por uma série de greves em massa por parte dos trabalhadores imigrantes. Excluídos de organizações e lutas dos trabalhadores brancos, como aquelas organizadas pela *American Federation of Labor*<sup>13</sup> (AFL), os imigrantes acharam apoio na *Industrial Workers of the World*<sup>14</sup> (I.W.W.). As lutas dos trabalhadores pelo direito de se organizar e fazer greves tiveram que enfrentar tentativas de restrição da liberdade de

---

<sup>10</sup> No original: “The promise of abundance shifted the quest for freedom to the realm of private life, but it also inspired political activism. Exclusion from the world of mass consumption would come to seem almost as great a denial of the rights of citizenship as being barred from voting once had been.”

<sup>11</sup> Tradução livre pela autora: salário mínimo para viver.

<sup>12</sup> No original: “By 1910, one-seventh of the American population was foreign-born, the highest percentage in the country’s history. More than 40 percent of New York City’s population had been born abroad.”

<sup>13</sup> Tradução livre pela autora: Federação Americana do Trabalho

<sup>14</sup> Tradução livre pela autora: Trabalhadores Industriais do Mundo

expressão. Portanto, a luta pelo direito de trabalhadores liderada pela I.W.W. tomou características de batalha pelos direitos civis de se organizar, reunir e espalhar seus ideais.

Outro grupo social que se utilizou dos novos conceitos de liberdade e cidadania da época para buscar uma expansão de direitos foi o das mulheres. A participação feminina nos espaços públicos cresceu nessa época, tanto por novas oportunidades de trabalho, como por sua participação como consumidoras de produtos e entretenimento. A situação das mulheres negras e imigrantes permaneceu confinada a trabalhos domésticos, agrários e industriais, enquanto as mulheres brancas passaram a desfrutar de uma expansão nas ofertas de emprego para elas. Além disso, houve um aumento no número de mulheres trabalhadoras casadas. Foner (2010) destaca o caráter empoderado da mulher trabalhadora na Era Progressista. O emprego retirava a mulher do âmbito privado e dava a ela uma oportunidade de participar na sociedade consumista, o que, agora, se assemelhava tanto à liberdade e à cidadania. O movimento de mulheres nessa época se dedicou à discussão de liberdades pessoais, tais como a liberdade sexual e métodos anticoncepcionais. Além disso, uma campanha em massa pelo direito de voto feminino também mobilizou as mulheres da época, que conquistaram esse direito de forma gradual.

O Progressivismo era um movimento de reformas que tentavam lidar com diferentes problemas sociais. No entanto, Hayden (2010) questiona sua classificação como um movimento e sugere que ele também teria características de um método, uma moralidade e um humor. Comandado por diversos atores sociais com visões diferentes entre si, a ideia básica era estabelecer um governo mais ativo na situação social do país. Foner (2010) defende que a transição no conceito de liberdade para um âmbito mais privado foi de fundamental importância para que estadunidenses aceitassem o aumento do papel do governo, sendo que isso havia sido historicamente considerado como um risco à liberdade dos cidadãos.

A democracia dentro da visão progressista incluía um aumento do eleitorado, o que beneficiou as mulheres. Ao mesmo tempo, significava também uma diminuição no número de eleitores. Dentro da ideologia que governou esse período, a reforma deveria ser seguida da informação, ou seja, privilégios e oportunidades poderiam ser compartilhados, mas apenas se quem os recebesse houvesse passado por um processo de aprendizado. Imigrantes, negros e outros desprivilegiados precisavam ser ensinados a serem bons cidadãos primeiro para terem seus direitos garantidos (HAYDEN, 2010). Nesse sentido, restrições à participação democrática eram justificadas dentro dessa ideologia. As restrições vinham na forma de teste

de alfabetização, assim como de requerimentos de registro de residência para limitar o acesso das camadas mais pobres, e da retirada de voto de negros, principalmente na parte sul do país.

Esse período de reformas, mudanças e movimentos por liberdades civis, pessoais e políticas foi marcado por contradições e uma ideologia predominante. O governo federal aumentou sua interferência na vida pessoal de seus cidadãos e também sua capacidade de interferir na economia do país de forma a garantir a liberdade e de proteger contra a corrupção, de acordo com a visão progressista. Esse período foi interrompido pela participação dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial e o subsequente esforço de guerra.

## 1.2. O Esforço de Guerra e a Volta à Paz<sup>15</sup>

A Era Progressista foi, no plano internacional, um período de intervenção. O império cultural e econômico estadunidense começava a tomar forma, com o crescimento das exportações industriais e culturais. Esse intervencionismo era justificado pelos ideais da época e foi nesse período, por exemplo, que o Canal do Panamá foi construído e regulado pelo governo de Theodore Roosevelt. O Presidente Woodrow Wilson não foi diferente, tentou interferir na Revolução Mexicana, entre outros eventos estrangeiros, apesar de defender o que Foner (2010) chama de um “imperialismo moral”, ou seja, uma expansão dos valores democráticos americanos através da exportação de bens e de investimentos.

A reação dos Estados Unidos à declaração da Primeira Guerra Mundial, no entanto, foi a neutralidade. Internamente, as diferentes ligações com os países em guerra produziram diferentes alianças. Grupos de imigrantes, por exemplo, proclamavam apoio à sua terra natal, ou, no caso dos imigrantes russos, rejeitavam a posição do regime autoritário do Czar. Por outro lado, homens de negócio com investimentos na Inglaterra pediam pela guerra ao lado dos britânicos. Os progressistas, por sua vez, viam na guerra uma forma de estender seus princípios e reformas para outros países, além de promover uma união nacional.

Mas, ao invés de levar o Progressivismo para outros povos, a guerra o destruiu em casa. O governo rapidamente passou a ver críticos do envolvimento americano não simplesmente como cidadãos com um conjunto

---

<sup>15</sup> Os dados referentes à contextualização do período que aparecem nesse capítulo são baseados nas obras de: HAYDEN, Joseph. *Negotiating in the press: American journalism and diplomacy, 1918-1919*. Louisiana State University Press, 2010 MURRAY, Robert K. *Red Scare: A Study in National Hysteria, 1919-1920*. First McGraw-Hill Paperback Edition, 1964; FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010 e SCHMIDT, Regin. *Red Scare: FBI and the Origins of Anticommunism in the United States, 1919-1943*; e-book. Museum Tusculanum Press, 2004.



diferente de opiniões, mas como inimigos das ideias de democracia e liberdade.<sup>16</sup> (FONER, 2010, p.770).

O primeiro sinal de uma mudança na posição de neutralidade dos Estados Unidos foi a declaração do Presidente Wilson na ocasião da morte de 124 americanos que se encontravam em um navio britânico que foi atacado e afundado por forças alemãs. O país entrou em estado de alerta, mas a Alemanha declarou intenções de não afundar mais navios com não combatentes. Wilson, portanto, foi reeleito sob a ideia de que sua política havia mantido os Estados Unidos fora da guerra. Foner (2010) ressalta a importância dos votos femininos – nos estados em que estava liberado – para a reeleição de Wilson graças a sua promessa de não mandar tropas para a Europa.

A Alemanha, no entanto, voltou atrás e anunciou que voltaria a afundar quaisquer navios que tentassem chegar à Inglaterra. Nessa mesma época, um telegrama convocando o México a participar da guerra e atacar os Estados Unidos foi interceptado e revelado ao mundo e uma revolução na Rússia retirou o Czar do poder. O governo constitucional na Rússia teve uma importância para a entrada dos Estados Unidos na guerra na medida em que tornou plausível a justificativa de que estariam lutando do lado da liberdade numa campanha moral.

Em abril de 1917, os Estados Unidos se juntaram à guerra. Porém, antes das tropas desembarcarem na Europa em 1918, houve mais mudanças na situação da Rússia. Em novembro, a revolução comunista tomou o poder e retirou-se da guerra. A entrada dos Estados Unidos reverteu a situação da guerra e garantiu uma vitória em novembro de 1918. Os termos da paz e as subsequentes negociações foram baseados nos princípios da declaração dos 14 pontos do Presidente Wilson e desses conceitos propostos por ele é que se originou a Liga das Nações.

No plano nacional o fim da Primeira Guerra Mundial requeria que as práticas adotadas para garantir um esforço de guerra bem sucedido se readaptassem a esse novo contexto. Se o governo durante a Era Progressista havia pouco a pouco aumentado sua interferência na vida de seus cidadãos através das novas regulamentações, esse processo cresceu de maneira exponencial durante o período da guerra. O Ato de Serviço Seletivo<sup>17</sup> de maio de 1917 havia recrutado milhões de homens para o exército e várias medidas haviam sido tomadas para

---

<sup>16</sup> No original: “But rather than bringing Progressivism to other peoples, the war destroyed it at home. The government quickly came to view critics of American involvement not simply as citizens with a different set of opinions, but as enemies of the very ideas of democracy and freedom. ”

<sup>17</sup> No original: Selective Service Act

aumentar o papel do governo, por exemplo, na indústria e na produção de comida. O Estado precisava agora voltar à época de paz.

Um dos aspectos dessa transição era a questão da indústria. Além de precisar se adaptar a um novo mercado, havia também a necessidade de lidar com os soldados que retornavam da guerra e necessitavam de emprego. Ademais, a relação entre capital e trabalhadores precisava ser reinventada.

Durante a guerra, o *War Labor Board*<sup>18</sup> havia se encarregado de regular as relações entre indústria e trabalhadores, através de um conselho de representantes da indústria, dos trabalhadores e do governo. A cooperação entre empregadores e empregados era encorajada e acordos foram feitos para manter as condições favoráveis para trabalhadores e evitar greves que pudessem prejudicar a produção em tempos de guerra. O resultado da regulação por parte do governo foi, de acordo com Schmidt (2004), um aumento do poder e da influência de organizações trabalhistas como a *American Federation of Labor*<sup>19</sup> (AFL), que tiveram um aumento no número de membros, além de uma reação por parte da comunidade de negócios.

O *War Labor Board* era parte de uma série de medidas que aumentavam a participação do governo na vida de seus cidadãos. Outras agências federais também foram criadas para regular, por exemplo, a produção agrícola, assim como as estradas de ferro. O governo também se encarregou de manter uma agência dedicada à propaganda de guerra, o Comitê de Informação Pública<sup>20</sup> (CPI). Essa agência se esforçava para garantir apoio a uma guerra externa através principalmente da distribuição de notícias e da criação de propagandas baseadas nas ideias de liberdade e democracia e espalhadas através de todos os meios possíveis. A guerra era lutada em nome desses dois princípios e suas antíteses estavam muito bem representadas no Kaiser e na nação de hunos bárbaros, a Alemanha.

O CPI era coeso, bem estruturado e visava, principalmente, o controle das notícias e da educação. O Comitê se utilizava de agentes sociais, tais como educadores, jornalistas e escritores, para garantir que suas mensagens alcançassem a toda a sua audiência, ou seja, todos dentro dos Estados Unidos. Além disso, o CPI também tinha uma divisão estrangeira e tentava alcançar uma audiência estrangeira tanto nos países aliados como nos países inimigos.

Ainda na mesma perspectiva de criar um esforço de guerra coeso e nacional, haviam sido criados os atos de Espionagem (1917) e de Sedição (1918). Eram as primeiras medidas de restrição à liberdade de expressão nos Estados Unidos desde 1798. Enquanto o Ato de

---

<sup>18</sup> Tradução literal pela autora: Comitê de Trabalho de Guerra

<sup>19</sup> Tradução literal pela autora: Federação Americana de Trabalho

<sup>20</sup> No original: Committee on Public Information

Espionagem proibia a interferência com o recrutamento militar e afirmações falsas que pudessem prejudicar as operações de guerra, o Ato de Sedição proibia afirmações tanto verbais quanto impressas contra a forma de governo dos Estados Unidos ou contra a guerra. O Ato de Imigração de 1917 permitia que o governo dos Estados Unidos deportasse estrangeiros<sup>21</sup> que fossem considerados uma ameaça ao país, não importando há quanto tempo estivessem nos Estados Unidos. Essas três leis continuaram valendo depois do fim da guerra e serviram como base legal para julgamentos e deportações durante o período do *Red Scare*.

No âmbito privado haviam surgido as sociedades patrióticas, como a *National Security League*<sup>22</sup> e a *American Defense Society*<sup>23</sup>. Essas organizações se encarregavam de vigiar e espiar possíveis radicais e aqueles que defendessem princípios considerados antipatriotas. Schmidt (2004) chama atenção para o papel que essas sociedades tiveram durante o período do *Red Scare* e também para a sua relação próxima com corporações e homens de negócio. Além dessas duas organizações mais proeminentes, ainda havia, entre outras, a *American Protective League*<sup>24</sup>, que se diferenciava por ter financiamento governamental.

Por outro lado, organizações de esquerda, como o Partido Socialista e o *Industrial Workers of the World*<sup>25</sup> (I.W.W.), consideradas radicais, também tiveram seu papel nessa época de guerra. O Partido Socialista, que serviu como bastião do sentimento anti-guerra, era fundamentalmente contra violência e força e acreditava em métodos legais para alcançar seus objetivos (MURRAY, 1964). Os *Wobblies*, como eram conhecidos os membros do I.W.W., tinham uma política mais agressiva e de ação direta e protestavam contra as políticas conservadoras da AFL (MURRAY, 1964). O I.W.W. também se opunha a guerra e Murray salienta que essa atitude foi o que levou ao aumento da intolerância em relação a essas duas organizações durante o período de guerra em que qualquer dissidência era considerada antipatriótica. Foner (2010), por sua vez, credita a posição anti-guerra como razão para o aumento do número de votos ao Partido Socialista nas eleições de 1917.

Moralmente, a guerra era justificada pelos princípios de democracia e liberdade e isso teve consequência nas disputas internas por direitos civis. As mulheres, que haviam conquistado o direito de serem eleitas em 1916, utilizaram técnicas de protesto mais brutas e de seu apoio e serviços patrióticos ao esforço de guerra para pressionarem uma posição favorável ao voto feminino. Nesse mesmo sentido, líderes do movimento negro incentivaram

---

<sup>21</sup> No original: *aliens* ou alienígenas

<sup>22</sup> Tradução livre pela autora: Liga de Segurança Nacional

<sup>23</sup> Tradução livre pela autora: Sociedade de Defesa Americana

<sup>24</sup> Tradução livre pela autora: Liga Protetora Americana

<sup>25</sup> Tradução livre pela autora: Trabalhadores Industriais do Mundo

a participação de negros na Primeira Guerra Mundial para tentar garantir direitos, mas tiveram menos sucesso que as mulheres (FONER, 2010).

A guerra também criou oportunidades de trabalho e, portanto, de migração da população negra para o Norte para suprir as vagas na indústria criadas pelo aumento de produção e pela queda no número de imigrantes europeus. A ida ao Norte, no entanto, resultou em decepção para os negros que buscavam melhores oportunidades. Eles encontraram “[...] oportunidades de emprego severamente restritas, exclusão de sindicatos, segregação rígida de alojamento e surtos de violência que tornavam claro que nenhuma região do país estava livre de hostilidade racial.” (FONER, 2010, p. 799).

Ainda como consequência dessa campanha moral pela guerra, Foner (2010) destaca o aumento da visibilidade das diferenças culturais e raciais e ao subsequente aumento da demanda pela “americanização”. Iniciativas para “americanizar” imigrantes partiram de vários âmbitos da sociedade como, por exemplo, escolas e empregadores. As consequências mais fortes foram sentidas pelos imigrantes de origem alemã que viviam nos Estados Unidos. Com a Alemanha transformada na grande inimiga da nação, qualquer expressão de cultura alemã era automaticamente antipatriota.

A volta ao período de paz tem consequências econômicas para o mercado nacional, com a volta dos soldados e a inflação, mas também políticas como a questão da vigência das leis e das organizações tanto públicas e privadas criadas durante a guerra. Além disso, as várias disputas entre segmentos sociais por poder se estenderam para depois do início do armistício e tiveram grande influência nos eventos de fevereiro de 1919 até janeiro de 1920 e em como eles foram recebidos pela sociedade em geral.

### 1.3. A Mídia nos Estados Unidos e o *New York Tribune*<sup>26</sup>

Sobre as características da imprensa dos Estados Unidos, Briggs e Burke (2004) destacam o seu caráter local, ou seja, havia uma falta de centralização. Além disso, os autores ressaltam as consequências da Primeira Emenda de 1791 que proíbe o Congresso de limitar a liberdade de imprensa. Não houve, por exemplo, legislações para regulamentar a imprensa e/ou impedir monopólios.

---

<sup>26</sup> Os dados referentes à história da mídia e do jornal *New York Tribune* apresentados nesse capítulo estão baseados em: BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet*, HAYDEN, Joseph. *Negotiating in the press: American journalism and diplomacy, 1918-1919*. Louisiana State University Press, 2010, O'KEEFE, Kevin J. *A Thousand Deadlines: The New York Press and American Neutrality, 1914-17*. Martinus Nijhoff, 1972 e informações do site da Livraria do Congresso dos Estados Unidos disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/>

Os autores também destacam o caráter moral do *New York Tribune* quando fundado por Horace Greeley em 10 de abril de 1841. O jornal se pretendia um “grande órgão moral” e não publicava detalhes sobre crimes, julgamentos ou peças de teatro (BRIGGS; BURKE, 2004, p.197). Essa característica o destacava de outros *penny journals*<sup>27</sup> da época que focavam justamente nesses temas. Era um jornal associado com o partido Whig na sua fundação e sob o comando de Greeley, durante seus trinta anos de editor, o *Tribune* ganhou grande reputação.

Após sua morte em 1872, Greeley foi substituído no comando do jornal por Whitelaw Reid. O controle de Reid durou de 1873 até 1912 e foi durante esse período que o *Tribune* se tornou um dos maiores jornais republicanos dentro dos Estados Unidos. Reid foi substituído por seu filho Ogden Reid que comprou o *New York Herald* e fundiu os dois jornais em 1924, criando o *New York Herald Tribune*.

O Progressivismo que caracterizou o período de 1900 até 1916 também teve consequências para o jornalismo. Uma das características do progressivismo era o aspecto público de suas reformas, o que ia ao encontro de suas tentativas de informar e educar o público para que eles, então, pudessem fazer parte de uma democracia mais eficiente. Essa publicidade das reformas, discussões e ideias progressistas pode ser vista, principalmente, no *muckracking*. Jornalistas se encarregaram de listar, denunciar e publicar os inúmeros problemas que estavam no caminho da nova democracia que deveria ser construída. Eles se voltaram principalmente para os trustes industriais e os chefes políticos, entre outros agentes políticos envolvidos em corrupção, por exemplo. O aspecto público dessas campanhas por reformas servia como forma de pressionar por legislações que pudessem resolver os problemas apontados (HAYDEN, 2010).

Um dos caminhos para a democracia eficiente progressivista, e que era defendido pelo Presidente Wilson era o da profissionalização. Os profissionais, portanto, detentores de alguma forma de conhecimento específico poderiam guiar e educar a sociedade de forma a atingir soluções para os problemas. Os jornalistas não escaparam dessa tendência, defende Hayden (2010). O jornalismo estadunidense passava por um processo de aumento do status social e estabilidade no trabalho, ao mesmo tempo em que sofria consequências do aumento de demanda, competição e deveres, indica o autor. Aliado a isso, o conceito de objetividade

---

<sup>27</sup> Em tradução livre pela autora: jornais baratos. Os *penny journals* eram jornais que surgiram em Nova York na década de 1830 e revolucionaram a imprensa da cidade. Tinham um formato diferente, traziam propagandas e se caracterizavam por atingir a um público das classes mais baixas através de notícias sensacionalistas. Horace Greeley, antes de fundar o *Tribune*, ajudou na criação do primeiro *penny journal* de Nova York, o *Morning Post* (SPENCER, 2007).

jornalística estava ganhando mais proeminência. Essa foi, por esses motivos, uma época de discussão sobre o que era ser um bom jornalista e também do papel que eles tinham nessa sociedade progressista e na sua luta por reformas.

A imprensa escrita de Nova York passava por um período de transformação. Para O’Keefe (1972), foi o fim da era do jornalismo pessoal, marcado pela aposentadoria e, logo, morte, de Whitelaw Reid e pela morte de Joseph Pulitzer. As técnicas para produção de jornais também se modernizaram e as propagandas cresciam em importância. “Em 1914, também, jornais nos Estados Unidos alcançaram seu maior número com 2.457 diários e mais de 16.000 semanais.”<sup>28</sup> (O’Keefe, 1972, p.1). A partir do início da Primeira Guerra, no entanto, esse número entrará em decadência devido a diversos fatores, entre eles, o processo de amalgamação.

Esses processos do período pré-guerra afetaram o *New York Tribune*. Com Ogden Reid substituindo seu pai como editor do jornal, o *Tribune* sofreu grandes mudanças em seu estilo. Houve uma expansão na sessão de notícias europeias, a página editorial passou a ser usada para apoiar várias causas em discussão na época e, ademais, o jornal passou a ser conhecido por sua excelência tipográfica.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, a importância da opinião pública tomou novos níveis. A visão do povo americano sobre a guerra era relevante e precisava ser levada em conta para garantir um esforço de guerra coeso. Foi criado, portanto, durante a guerra o Comitê de Informação Pública (CPI). O CPI, criado inicialmente como um mediador de informações, teve seu papel expandido para criador de informações. Além disso, o Comitê também viria a publicar o seu próprio jornal, além de panfletos.

Houve repressão à informação durante o período da guerra, mas Hayden (2010) destaca que o CPI também gerava muitas notícias e muita publicidade que eram, então, publicadas pelos jornais. Não houve diminuição na circulação de informação, defende o autor, pelo contrário, os jornais viram sua circulação aumentar devido ao interesse nas notícias sobre a guerra. “Escritores tinham que recusar tarefas ou fazer turnos extras por dinheiro extra; correspondentes mulheres eram recrutadas ativamente; o escopo de assuntos explodia; edições esgotavam.”<sup>29</sup> (HAYDEN, 2010, p.18). No entanto, não circulavam críticas à guerra. Essa atitude ia ao encontro dos ideais progressivistas, a censura era necessária e acontecia, mas a

---

<sup>28</sup> No original: “In 1914, also, newspapers in the United States reached their greatest number with 2,457 dailies and over 16,000 weeklies.”

<sup>29</sup> No original: “Writers had to turn down assignments or did double duty for the extra money; female correspondents were actively recruited; the range of subjects exploded; issues sold out.”

publicidade, considerada mais eficiente, era a principal arma do governo na luta contra a dissidência.

A censura contra as publicações tomou duas formas principais: a auto-censura, aprovada e encorajada pelo governo; e a aplicação de leis, tais como o Ato de Sedição de 1918 e o Ato de Espionagem de 1917. Essas leis afetaram diretamente as publicações e prometiam desde multas até o aprisionamento de editores cujas publicações criticassem e/ou prejudicassem o esforço de guerra. As restrições às publicações em língua estrangeira foram mais fortes e as punições mais pesadas. Muitas reclamações eram feitas em relação à arbitrariedade da aplicação da censura. As publicações podiam ser interceptadas e censuradas por diferentes pessoas em diferentes partes do processo de impressão e distribuição. Com o maior número de pessoas responsáveis pela censura, maior o número de arbitrariedades e publicações censuradas. Além disso, a censura não atingia as publicações da grande mídia. Essas grandes publicações normalmente respeitavam a autocensura e, não eram afetadas pelas leis. O maior efeito da censura foi sentido pelas pequenas publicações independentes, especialmente as de língua alemã que diminuíram seu número em um terço, graças à propaganda anti-alemã conduzida pelo governo (HAYDEN, 2010).

A Primeira Guerra Mundial transformou a relação do governo estadunidense com o público. O primeiro jornal diário oficial do governo, o *Official Bulletin*, foi publicado entre maio de 1917 até março de 1919. Vários departamentos do governo também criaram durante essa época suas próprias divisões de pesquisa e publicidade.

A guerra, portanto, foi uma época de prosperidade para as grande publicações que implementaram a autocensura e viram o seu número de vendas subir exponencialmente. O papel dos jornalistas na sociedade na distribuição de informações e seu prestígio aumentaram graças aos princípios do progressivismo. As pequenas publicações, principalmente as de língua estrangeira foram visadas com suspeita e sofreram com a arbitrariedade e as consequências da censura. Com o fim da guerra, a mídia estadunidense, assim como o resto da sociedade e o governo, precisava se readaptar às novas condições.

#### 1.4. A Esquerda nos Estados Unidos<sup>30</sup>

##### 1.4.1 A American Federation of Labor e os Wobblies

---

<sup>30</sup> Os dados nesse capítulo foram retirados de: BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan. *Encyclopedia of the American Left*. Garland Publishing, Inc., 1990, MURRAY, Robert K. *Red Scare: A Study in National Hysteria, 1919-1920*. First McGraw-Hill Paperback Edition, 1964 e FONER, Eric. *Give Me Liberty! An American History*. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010

A *American Federation of Labor* (AFL) foi um sindicato fundado em 1886, fruto de uma união de trabalhadores especializados. Samuel Gompers foi eleito presidente desde a fundação do sindicato até a sua morte, com exceção de um ano. Durante o período de 1900 até 1904, a AFL viu o seu número de inscritos triplicarem. Seus métodos incluíam alianças com líderes corporativos que estivessem dispostos a fazer acordos com uniões trabalhistas e dessa forma estabilizar as relações trabalhistas. A AFL teve um papel importante na resolução de várias disputas trabalhistas e ajudou a criar planos de pensão para trabalhadores.

No entanto, a AFL se limitava a representar os trabalhadores mais privilegiados, aqueles com habilidades específicas que os diferenciavam da maioria dos trabalhadores da época. Seus integrantes eram praticamente todos homens brancos e nascidos nos Estados Unidos, excluindo, portanto, trabalhadores negros, mulheres e imigrantes.

A *Industrial Workers of The World* foi fundada em 1905 como resposta às exclusões da AFL. Nesse sentido, aceitava membros de qualquer raça, gênero, país de origem e ofício e baseava suas ações e ideais no princípio de solidariedade. Convencia trabalhadores de outras áreas a apoiar greves ao se utilizar do senso de comunidade de imigrantes, por exemplo. A organização agia como união trabalhista e defendia a tomada dos meios de produção e a abolição do Estado. Muitas vezes, era chamada por sindicatos locais para ajudar a coordenar e solidificar greves.

Murray (1964) descreve o número de membros da I.W.W. como pequeno e flutuante graças à sua atitude agressiva. Os *Wobblies*, como eram chamados seus membros, encontravam grande oposição da AFL, mas também da sociedade em geral. Seus números tendiam a aumentar durante uma crise de greve e depois diminuía quando ela terminava, continua o autor. O pequeno número, no entanto, não impediu que causassem impacto na luta trabalhista.

A I.W.W. fazia campanhas de educação para trabalhadores ao redor do país. Jornais, livrarias, panfletos, acampamentos para jovens, além de debates e palestras eram promovidos pela organização. Mari Jo Buhle, Paul Buhle e Georgakas (1990) destacam a importância do *Little Red Songbook*, publicado pela I.W.W., para a cultura dos trabalhadores dos Estados Unidos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a I.W.W. se posicionou contra a participação dos Estados Unidos. A organização, portanto, passou a produzir e espalhar propaganda contra o recrutamento militar e o esforço de guerra. Essa atitude, em um período que condenava qualquer crítica a participação na guerra como antipatriota, levou os *Wobblies* a serem



acusados de traidores e atacados pelas sociedades patrióticas, entre outros grupos políticos. Em setembro de 1917, a organização teve suas sedes invadidas e sua liderança foi marcada como subversiva. Mais de 100 *Wobblies* foram acusados e sentenciados à prisão federal.

#### 1.4.2 O Partido Socialista

O Partido Socialista foi fundado em 1901, com menos de 10.000 membros. Seu objetivo era ganhar melhores condições através de pressão política e cooperação com o governo burguês. O partido não acreditava em violência nem força. Um de seus líderes mais proeminente era Eugene Debs, que foi indicado mais de uma vez como o candidato do partido à presidência. Debs ficou conhecido por cruzar o país fazendo discursos e pregar o socialismo ligado a uma ideia de liberdade, igualdade e democracia. Seu papel era principalmente relevante para unir os diferentes grupos sociais interessados na doutrina socialista.

O Partido Socialista investiu em educação para conseguir alcançar potenciais eleitores. Uma imprensa socialista floresceu no período e entre 1912 e 1913 mais de 300 periódicos circularam. Dentro dessas publicações, havia um grande número voltado à cultura Yiddish. A maioria dos materiais produzidos pela imprensa socialista era voltada para audiências regionais ou locais. Por isso, os materiais eram variados e traziam opiniões e posições divergentes entre si.

Os membros do partido se dividiam em relação à questão da imigração e do verdadeiro trabalhador americano. Enquanto alguns membros tendiam a apoiar a posição da AFL e a restrição à imigração e o racismo, outros membros se posicionavam a favor da radicalização das uniões trabalhistas e o apoio a todos os trabalhadores. O surgimento da I.W.W. viria a aumentar a separação entre os dois lados (BUHLE, BUHLE, GEORGAKAS, 1990).

O partido ia crescendo no período pré-guerra, da mesma maneira que a doutrina socialista ia crescendo na Europa. Formado por antigos radicais populistas e parte do movimento trabalhista e de uma divisão dentro do *Socialist Labor Party*, o partido atingiu a marca de 150.000 membros<sup>31</sup> pagantes em 1912. Ele também tinha uma conexão com a AFL e era apoiado pelos membros dela. Durante esses primeiros anos, o partido foi capaz de eleger um membro do Congresso, além de alcançar a prefeitura de Milwaukee em 1910. Em 1912, ano da primeira eleição de Woodrow Wilson, o Partido Socialista, lançou Eugene Debs como candidato à presidência e conseguiu mais de 900.000 votos (FONER, 2010).

---

<sup>31</sup> Número retirado da obra de Foner (2010). Murray (1964) indica que o número de membros inscritos na mesma época seria de mais de 100.000 membros.

Porém, o crescimento do partido foi interrompido pela entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial. Sua posição contra a participação do país, que ia ao encontro com os princípios de não violência do partido, permaneceu igual mesmo depois da entrada dos Estados Unidos no confronto, o que o levou a ter que enfrentar oposição, por exemplo, das sociedades patrióticas e a terem membros punidos de acordo com os atos de sedição do período.

## CAPÍTULO II – O *RED SCARE* E O *NEW YORK TRIBUNE* – PARTE I

### 2.1 A Greve Geral de Seattle

Em 6 de fevereiro de 1919, a greve de trabalhadores de estaleiros de Seattle, que estava acontecendo desde 21 de janeiro, transformou-se em uma greve geral. Ela havia sido deflagrada para garantir menos horas e salários mais altos e, numa forma de apoio a essa luta, o Conselho de Trabalho de Seattle e uniões participantes da AFL aprovaram um esforço de greve geral. A cidade ficou, portanto, sobre controle da Comissão de Greve que se comprometeu a garantir condições para os moradores. A cidade foi paralisada, com escolas, negócios e transportes interrompidos. Porém, serviços de necessidades básicas, tais como água e luz foram mantidos. O período de greve geral foi tranquilo e sem prisões (MURRAY, 1964). Apesar disso, o prefeito Ole Hanson pediu reforços do exército para conter a greve.

A greve geral foi encerrada em 11 de fevereiro de 1919, graças a uma combinação de impopularidade local, oposição das autoridades locais e disputas internas, sem ganhos para os trabalhadores (SCHMIDT, 2004). O prefeito se recusou a negociar com os grevistas que logo também sofreram com a pressão exercida sobre as uniões locais pela alta hierarquia da AFL e por outras uniões trabalhistas internacionais. Murray (1964) destaca a reação da imprensa estadunidense que fez campanha contra a ação desde o momento em que foi anunciada e reproduziu as análises exageradas dos riscos e da radicalização da greve.

No *New York Tribune*, antes mesmo da deflagração da greve geral, o mediador da greve, Henry M. White, aparece colocando a greve como culpa de líderes radicais e da I.W.W. Para ele, a greve não seria uma expressão justa do desejo dos trabalhadores e, portanto, não haveria nada para ser negociado<sup>32</sup>. No dia 7 de fevereiro de 1919, ou seja, um dia depois da deflagração da greve geral, a manchete “Soldados Enviados Para Seattle Devido a Greve de 65.000”<sup>33</sup> aparece centralizada na capa do jornal. A reportagem, escrita no dia 06, segue explicando que 800 soldados, saídos do Acampamento Lewis, seguiam em direção a Seattle para lidar com qualquer tipo de emergência causado pela deflagração da greve geral. A reportagem é interrompida e retomada na última página do jornal, onde é explicitado que a luz continuará a funcionar na cidade. O prefeito Ole Hanson é citado garantindo que a ordem e a

---

<sup>32</sup> *New York Tribune*, 01/02/1919, p. 04.

<sup>33</sup> *New York Tribune*, 07/02/1919, p. 01. No original: “Soldiers Sent to Seattle as 65,000 Strike”

lei continuarão a vigorar<sup>34</sup>. Nessa mesma página é possível ler uma manchete que alerta para o perigo do aumento do radicalismo dentro das uniões trabalhistas.

No dia seguinte, na capa do *Tribune*, há uma manchete com os dizeres: “Greve Pode Acabar Hoje em Seattle”<sup>35</sup>. A reportagem continua explicando que Ole Hanson ameaçou colocar a cidade sob ordem marcial caso a greve solidária, ou seja, a greve para além dos trabalhadores de estaleiros, não fosse cancelada. A aprovação da atitude do prefeito por parte dos moradores de Seattle é destacada. Além disso, as plantas municipais de gás e eletricidade foram ocupadas pelos soldados, informa a reportagem, mas explica que nenhuma das duas havia tido seu funcionamento interrompido pela greve. Uma ordem dos escritórios internacionais da união de eletricitistas para que voltassem ao trabalho é apresentada como um sinal da quebra da greve e, mais uma vez, é defendido que a deflagração não havia sido uma representação dos sentimentos da maioria dos trabalhadores.

A reportagem continua na quarta página da edição e destaca a diferença na postura dos trabalhadores que haviam perdido sua animação do primeiro dia de greve geral. Há, também, um relato de um êxodo de pessoas que estariam fugindo dos desconfortos e perigos da greve. Essa segunda parte da matéria é acompanhada na mesma página por manchetes como: “Líderes Trabalhistas Veem Autoridade Ameaçada Em Greve de Seattle” e “Manifesto de Seattle; Grevistas Mais Radicais”<sup>36</sup>. A segunda dessas manchetes é uma reportagem que reproduz o texto da declaração de intenção da greve geral. O texto afirma que os serviços essenciais seriam garantidos pelos trabalhadores e que esses serviços seriam reabertos sob controle dos grevistas. Além disso, prometem policiar a cidade. A matéria tem uma introdução que destaca a opinião da Associação Nacional de Manufatureiros sobre o texto de que ele seria revelador sobre as intenções da greve e também sobre o tom, a linguagem e o propósito que o texto traz. A mesma página ainda traz outras matérias relacionadas a greves espalhadas pelo país e uma manchete citando o Senador Johnson declarando sua opinião de que agitadores “bolcheviques” deveriam ser deportados.

A capa do dia 09 de fevereiro trouxe como manchete “Grevistas Discutem Paz Enquanto Tropas Guardam Seattle”<sup>37</sup>. A matéria traz relatos de uma reunião para discutir a possibilidade de encerrar a greve devido à ameaça de Ole Hanson de por a cidade sob ordem marcial e da progressiva volta ao trabalho de vários setores da economia de Seattle. Além

---

<sup>34</sup> *New York Tribune*, 07/02/1919, p. 18.

<sup>35</sup> *New York Tribune*, 08/02/1919, p. 01. No original: “Strike May End To-Day In Seattle”.

<sup>36</sup> *New York Tribune*, 08/02/1919, p. 04. No original: “Labor Leaders See Authority Menaced in Seattle Strike” e “Manifesto of Seattle Strikers Most Radical”.

<sup>37</sup> *New York Tribune*, 09/02/1919, p. 01. No original: “Strikers Discuss Peace as Troops Guard Seattle”.

disso, também traz o relato da declaração de um comitê formado por moradores da cidade que defendiam que, na opinião tanto da comunidade em geral quanto dos donos de negócios, a greve seria, na verdade, uma rebelião contra o governo. A matéria continua na página 11 da mesma edição e, mais uma vez, as notícias sobre a greve de Seattle estão cercadas por várias outras matérias sobre greves e disputas trabalhistas.

A greve de Seattle continua sendo alvo de notícias no *Tribune*. Notícias continuam a aparecer relacionando a greve a características bolcheviques. Além disso, o aspecto bolchevista estaria associado à participação da I.W.W.<sup>38</sup> As matérias também tendem a focar bastante na progressiva dissolução da greve. Ole Hanson, o prefeito de Seattle, passa a ganhar publicidade e destaque nos editoriais do jornal que aplaudem suas atitudes para conter a situação<sup>39</sup>. Hanson continua a aparecer no *Tribune* com comentários relacionados a novas situações que envolvem radicais e a cobrar ações do governo, mesmo após o fim da greve.

A notícia do anúncio do fim da greve geral, no entanto, não aparece na capa da edição de 11 de fevereiro, mas somente na quarta página. Nesse mesmo dia, um editorial intitulado “A Lição de Seattle”<sup>40</sup> defende que o trabalhador estadunidense, mais educado que o russo, não está tão sujeito a aceitar doutrinas radicais sem questionamentos. O texto continua defendendo que é possível fazer alterações ao sistema capitalista sem aboli-lo e que esses gritos de insatisfação contra o sistema surgem, na realidade, de “deportáveis”.

Ainda na mesma página, há um editorial com a manchete em letras bem grandes que defende que a imigração deve passar a ser considerada em termos políticos e não econômicos. “Quantos trabalhadores o país pode absorver sem que os imigrantes se tornem uma ameaça às suas instituições políticas?” é a pergunta que deveria estabelecer o limite para o número de estrangeiros entrando no país, de acordo com o texto.

As notícias sobre Seattle continuam a aparecer mesmo após o fim da greve. Por exemplo, uma sequência de quatro editoriais intitulados “A Verdade Sobre Seattle”<sup>41</sup> explora diferentes aspectos da greve geral. O primeiro deles, no dia 26 de fevereiro, questiona se a greve geral teria sido realmente uma tentativa de radicais de tomar o governo ou se o suposto aspecto “bolchevique” da greve teria sido usado pelo prefeito Hanson para quebrar a greve. O segundo editorial, publicado no dia seguinte, elenca cinco motivos que explicariam a greve

---

<sup>38</sup> Ver, por exemplo, *New York Tribune*, 10/02/1919, p. 04.

<sup>39</sup> *New York Tribune*, 10/02/1919, p. 10.

<sup>40</sup> *New York Tribune*, 11/02/1919, p. 10. No original: “The Lesson of Seattle”.

<sup>41</sup> No original: “The Truth About Seattle”. Os editoriais mencionados nesse parágrafo foram publicados no *New York Tribune* no período de 26/02/1919 até 01/03/1919 e depois no dia 07/03/1919, na página 10 de cada edição, exceto em 01/03 e 07/03, quando o editorial apareceu na página 12.

geral, em ordem decrescente de magnitude e número de trabalhadores que os sentiram. Os motivos elencados foram: desejo por pequenas férias para descansar do trabalho duro; simpatia pelos outros grevistas; desejo de expressar a solidariedade entre trabalhadores; vontade de ensaiar uma revolução social para poder experimentar como seria uma verdadeira tomada das indústrias pelos trabalhadores; e, finalmente, a vontade de ver uma revolução verdadeira, baseada na ideia de que uma greve poderia vir a criar as condições para uma tomada violenta do poder. O último editorial, publicado em 07 de março, deixa explícita a ilegalidade dos atos de Ole Hanson e de outras autoridades de Seattle quando prenderam radicais, invadiram seus pontos de encontros e fecharam suas sedes. A lei, no entanto, passou a existir e, sob a acusação de anarquia criminal, vários membros do I.W.W. de Seattle foram presos. Não há nenhuma crítica aberta aos procedimentos das autoridades de Seattle por parte do autor do editorial.

A ideia de que a greve geral não era o desejo da maioria dos trabalhadores, é bastante utilizada ao longo do período analisado. Essa avaliação não se restringe apenas ao caso da greve geral de Seattle. A responsabilidade pelo radicalismo dos trabalhadores é constantemente colocada nos líderes radicais. Esses “líderes radicais” são, muitas vezes, associados a estrangeiros (*aliens*) e/ou membros da I.W.W. A maioria dos trabalhadores deseja apenas mais direitos e salários mais alto, mas estão sendo conduzidos por essas influências, continua esse argumento. Soluções apresentadas para essas situações são, frequentemente, a deportação de estrangeiros radicais e a prisão de líderes que tenham nascido nos Estados Unidos. Além disso, várias reportagens também aparecem defendendo que, se as condições de trabalho fossem melhoradas, os trabalhadores estadunidenses, satisfeitos, não estariam tão sujeitos à influência das doutrinas radicais. Outra solução apresentada, também, é a restrição à imigração.

## 2.2 A Lista de Honra das Bombas

No dia 28 de abril, um pacote de bombas foi enviado pelo correio para o prefeito Ole Hanson. O explosivo foi descoberto sem causar feridos. Uma segunda bomba explodiu na mão da empregada que recebeu o pacote na casa do Senador Hardwick. Com o ferimento da empregada, a mídia passou a dar grande cobertura sobre o assunto e, a partir daí, novos pacotes foram encontrados por um funcionário dos correios antes que chegassem a seus

destinos. No total, foram descobertos 36 pacotes de bombas<sup>42</sup> a serem enviados para oficiais do governo e pessoas envolvidas com a indústria que eram reconhecidamente anti-radicais.

Os jornais reproduziram manchetes sobre as bombas por toda a nação. O caso foi encarado pela imprensa conservadora como uma tentativa muito bem organizada de bolcheviques de tomar o governo (MURRAY, 1964). Outros jornais, Murray destaca, trataram do assunto como o ato de poucos radicais não muito inteligentes, enquanto as publicações radicais e liberais defendiam que as bombas haviam sido plantadas como forma de virar a opinião pública contra os líderes radicais.

No caso do *New York Tribune*, a primeira bomba, endereçada a Ole Hanson, não foi tratada com muita atenção ao encontro do que Murray (1964) defende. As bombas começaram a tomar uma proporção com a descoberta de outros pacotes e, portanto, a possibilidade de serem parte de um plano maior. A primeira bomba é notícia no *Tribune* de 29 de abril, na página 11, numa matéria pequena com manchete pequena, declarando que a bomba havia sido enviada de Nova York. A matéria também faz um comentário sobre a série de palestras contra anarquismo que estavam sendo ministradas pelo prefeito, sugerindo, indiretamente, uma conexão entre as palestras e a bomba.

No dia 30 de abril, o *Tribune* dedicou uma matéria na quarta página ao caso da segunda bomba. Foi estabelecida uma possível conexão com a bomba enviada a Ole Hanson devido à semelhança dos pacotes. Foi somente no dia 1 de maio, no entanto, que as bombas ganharam as capas do jornal. “22 Bombas São Encontradas Em Correio Para Homens Públicos da Nação; 16 Aqui”<sup>43</sup> foi a manchete sobre a descoberta dos outros pacotes. Uma possível relação entre as bombas e um plano para aterrorizar a nação no dia primeiro de maio é destaque da matéria. A notícia também aponta para o escopo nacional das bombas e para o fato de que seus alvos eram homens proeminentes, que aparecem listados na primeira página. Ao redor da notícia sobre as bombas, vemos manchetes, como “Irã Prender Propagandistas Vermelhos” e “Finanças Vermelhas Serão Rastreadas em Inquérito Estatal”<sup>44</sup>.

A matéria de capa sobre as bombas continua na página 06 da mesma edição, onde podemos ver em letras enormes a seguinte manchete: “Vasta Trama de Bombas Pode Levar à

---

<sup>42</sup> Schmidt (2004) indica que seriam apenas 30 pacotes, enquanto Murray (1964) aponta para 36. O número escolhido foi o indicado por Murray porque batia com os números presentes na fonte primária.

<sup>43</sup> *New York Tribune*, 01/05/1919, p. 01. No original: “22 Bombs Are Found In Mails for Nation’s Public Men; 16 Here”.

<sup>44</sup> *New York Tribune*, 01/05/1919, p. 01. No original: “Will Arrest Red Propagandists” e “‘Red’ Finances To Be Traced in State Inquiry”.

Batida Policial a ‘Vermelhos’<sup>45</sup>. Detalhes sobre a investigação do caso estão disponíveis para o leitor como, por exemplo, que a polícia procura por impressões digitais para ajudar a investigação. A matéria também informa que os correios estariam fazendo esforços nacionais para descobrir outros eventuais pacotes de bombas. Há ainda imagens de como seriam os pacotes e do homem que os descobriu, assim como detalhes de como a descoberta aconteceu. Além disso, a notícia informa que, na cidade de Nova York, sedes da I.W.W. e de outras organizações radicais sofreram batidas policiais com o objetivo de recolher informações e listas de membros; radicais conhecidos também foram observados por policiais.

A página 07, ainda na mesma edição, continua com diferentes notícias sobre as bombas. Um quadro, no meio da página, lista as pessoas a quem uma bomba foi enviada e aponta para o papel de cada uma na luta contra o radicalismo. Uma matéria traz a declaração de Hardwick, ex-senador, que recebeu uma bomba e culpa os “vermelhos”. De acordo com ele, o ataque estaria conectado à sua proposta de lei anti-imigração. A página ainda traz uma declaração de membros da I.W.W. acusando as bombas de terem sido plantadas como uma desculpa para a prisão de radicais. Há, ainda, duas matérias que apontam a invasão do radicalismo nas escolas. Uma delas acusa uma igreja de ensinar alemão nas escolas e a outra aponta o Bolchevismo como causa para a queda no número de presenças dos alunos nas escolas.

O *Tribune* continua a reproduzir notícias sobre as investigações sobre as bombas pelos próximos dias. Entre outras pistas, são relatadas pelo jornal a existência de uma impressão digital e a potencial conexão com a Alemanha devido ao formato do artefato explosivo<sup>46</sup>. Um editorial, intitulado “A Lista de Honra das Bombas”<sup>47</sup>, argumenta que ter recebido um desses artefatos explosivos seria uma prova dos méritos desses homens. A linguagem do editorial é interessante: aqueles que enviaram as bombas são chamados de “homens maus” e há uma associação deles à Satã. Ademais, o editorial explica que o objetivo final desses ataques seria uma tentativa de tornar os Estados Unidos uma nova Rússia. O texto segue garantindo que o Bolchevismo e a doutrina I.W.W. atacam somente os ricos no começo, mas que também prejudicam os pobres, eventualmente. O texto termina convocando os cidadãos a participarem das investigações através de denúncias de qualquer tipo de atividade suspeita.

Notícias sobre as investigações dos artefatos explosivos aparecem quase que diariamente no *Tribune* até o dia 13 de maio. Uma das últimas notícias sobre esse assunto

---

<sup>45</sup> *New York Tribune*, 01/05/1919, p. 06. No original: “Vast Bomb Plot May Lead to Nation Wide Round-up of Reds”.

<sup>46</sup> *New York Tribune*, 02/05/1919, p. 01.

<sup>47</sup> *New York Tribune*, 02/05/1919, p. 12. No original: “The Bomb Honor List”.



“Esconderijo de Dinamite Não É Pista Para Conspiradores das Bombas”<sup>48</sup> ocupa um espaço pequeno na última página do jornal. Depois disso, as notícias somem e há apenas pequenas referências ao medo causado pelos pacotes.

### 2.3 Os Tumultos de Primeiro de Maio

Com as notícias sobre as bombas ocupando a atenção da imprensa e as investigações correndo, os Estados Unidos tiveram que lidar com as comemorações do *May Day*<sup>49</sup>. O dia 01 de maio de 1919 foi marcado por prisões e brigas durante as paradas e comemorações dos trabalhadores. Para Schmidt (2004), a violência contra as manifestações do *May Day* estaria, provavelmente, ligada às bombas enviadas nos dias anteriores. Podemos observar que, no *Tribune*, a edição de 01 de maio, onde as bombas aparecem pela primeira vez na capa e como parte de uma grande conspiração para tomar o governo, há também uma matéria avisando que as comemorações do *May Day* seriam maiores que nunca<sup>50</sup>. Antes disso, o jornal já trazia uma matéria intitulada “Greve Geral Marcada para 1 de Maio Por Socialistas”<sup>51</sup>. A ideia de que esse *May Day* seria o maior na história até aquele momento já aparece nessa notícia. O dia pretendia, continua a matéria, ser um protesto contra as leis de espionagem e contra a prisão e deportação de presos políticos.

Na cidade de Nova York, além de várias outras cidades dos Estados Unidos, as paradas socialistas do *May Day* foram interrompidas por soldados, cidadãos enfurecidos e marinheiros. As reuniões socialistas também foram invadidas. Inúmeras prisões foram feitas. Murray (1964) aponta o silêncio editorial dos jornais de Nova York sobre a brutalidade e os ataques contra as comemorações e que isso indicaria uma posição favorável dos jornais em relação às atitudes dos agressores.

No dia 02 de maio, a capa do *New York Tribune* teve como manchete a seguinte frase: “Batalhas nas Ruas Marcam o Dia dos Trabalhadores em Muitas Cidades;”, essa frase dividiu espaço com as notícias sobre a Liga das Nações. “Tanques Usados em Revoltas em Cleveland; 1 Morto, 11 Feridos”<sup>52</sup> também apareceu em destaque na capa da mesma edição. Outra notícia, ainda na capa, dá destaque à violência policial e ao número de feridos. A

---

<sup>48</sup> *New York Tribune*, 10/05/1919, p. 24. No original: “Cache of Dynamite No Clew to Bomb Plotters”.

<sup>49</sup> Tradução livre pela autora: Dia dos Trabalhadores.

<sup>50</sup> *New York Tribune*, 01/05/1919, p. 04.

<sup>51</sup> *New York Tribune*, 25/04/1919, p. 08. No original: “General Strike Set for May 1 By Socialists”.

<sup>52</sup> *New York Tribune*, 02/05/1919, p. 01. No original: “Street Battles in Many Cities Mark May Day”, “Tanks Used in Cleveland Riot; 1 Dead, 11 Shot”.

polícia estaria sobrecarregada ao lidar com o grande número de soldados e marinheiros e teria usado os cassetetes contra a multidão. Os soldados e marinheiros, revoltados com o tratamento dispensado a eles pela polícia, teriam revidado com armas improvisadas.

A segunda página do dia 2 de maio, intitulada “Revoltas do Dia do Trabalhador Ao Redor da Nação”<sup>53</sup>, traz mais detalhes sobre os acontecimentos do dia anterior, com foco especial ao que ocorreu na cidade de Nova York. Murray (1964) descreve que, em Boston, apenas radicais foram presos, apesar do confronto violento ter se dado entre policiais, manifestantes e cidadãos que se organizaram para interromper as celebrações. Nesse sentido, há uma clara ausência de notícias sobre prisões de soldados e marinheiros nessa edição do *Tribune*, apesar de eles terem entrado em conflito com a polícia e terem machucado manifestantes. Por outro lado, há três reportagens sobre prisões de radicais. Uma delas traz os detalhes sobre as prisões de Boston e outra sobre um conflito entre policiais e radicais em Chicago e as subseqüentes prisões. A terceira notícia, relativa à Nova York, informa que houve a prisão de 12 “vermelhos” por terem agredido um homem de uma lavanderia que não fechou o negócio durante o *May Day*.

Os editoriais mantem silêncio em relação à violência dos conflitos. Se por um lado, as bombas ganham espaço nos editoriais e os radicais responsáveis tem seu comportamento condenado nos textos, os soldados e marinheiros são poupados de opiniões no *Tribune*. A única repercussão da violência contra os manifestantes aparece da seguinte forma: “Soldados Estão Inclinados A Não Prestar Queixa Contra a Polícia”<sup>54</sup>. O *May Day* ainda é pauta de notícias do jornal, apesar de seu silêncio sobre esse aspecto dele em particular.

Uma edição de domingo do *Tribune*, por exemplo, traz uma coleção de citações de outros jornais sobre o Bolchevismo, o *May Day* e as bombas. Esses trechos foram reunidos para responderem à pergunta que a matéria propõe: como lidar com o bolchevismo que já está nos Estados Unidos? O título é “Algumas Sugestões Sobre o Dia dos Trabalhadores”<sup>55</sup>. A maioria dos trechos apresentados são, na verdade, mais condenações das atitudes e dos ideais de radicais do que realmente sugestões sobre como lidar com o problema. O *Cleveland Plain Dealer*, por exemplo, defende que a luta contra o Bolchevismo deve ser feita através do Americanismo, enquanto o *Chicago Daily News* defende a aplicação imparcial, mas firme, da lei. Não há, nessas citações, nenhuma grande contradição entre a visão do *Tribune* e as dos jornais citados.

---

<sup>53</sup> *New York Tribune*, 02/05/1919, p. 02. No original: “May Day Riots Throughout Nation”.

<sup>54</sup> *New York Tribune*, 03/05/1919, p. 07. No original: “Soldiers Are Inclined Not to Press Against the Police”

<sup>55</sup> *New York Tribune*, 11/05/1919, p. 80. No original: “Some May Day Suggestions”.

## 2.4 As Bombas de Junho

Pouco tempo depois, em 2 de junho, bombas explodiram em oito cidades diferentes ao redor dos Estados Unidos num intervalo de poucas horas<sup>56</sup>. Dessa vez, três mortes ocorreram como consequência desses ataques. A bomba que teve mais repercussão foi a enviada à casa do Procurador-Geral Palmer. A explosão aconteceu na frente da casa e foram encontradas evidências de que os responsáveis por atirar a bomba morreram com a detonação precoce do artefato. Investigações levantaram evidências que apontavam para a origem italiana de quem atirou a bomba, ou seja, um *alien*.

Schmidt (2004) aponta para a investigação conduzida pelo *Bureau of Investigation* que indicava que o plano havia sido conduzido por um pequeno grupo de anarquistas radicais. No entanto, apesar dessas informações, as bombas continuaram a serem apresentadas pelo Departamento de Justiça e pelo *Bureau of Investigation* como parte de um plano nacional para tomar o governo de forma violenta.

Esse acontecimento é de especial relevância porque foi usado por Palmer para justificar a reorganização do Departamento de Justiça e o aumento de suas atividades anti-radicais. A mobilização contra o radicalismo não deve ser considerada uma reação espontânea às bombas ou às demandas públicas, como defende Murray (1964), já que, Schmidt (2004) defende que tais iniciativas já estavam sendo programadas meses antes desses acontecimentos.

Parece inteiramente plausível que o Departamento de Justiça exagerou deliberadamente a ameaça radical no verão de 1919 para obter apoio público e as apropriações necessárias do Congresso para uma expansão dos esforços anti-radicais do governo<sup>57</sup>. (SCHMIDT, 2004, p.151)

A grande repercussão, em especial, da bomba enviada ao Procurador-Geral Palmer fica evidente pela manchete do *New York Tribune*: “‘Vermelhos’ Explodem Bombas em Muitas Cidades; Casa do Juiz Nott é Explodida; Dois Mortos; Casa de A. Mitchell Palmer é Destruída”<sup>58</sup>. Palmer tem, também, uma imagem sua reproduzida na capa sob a legenda de

---

<sup>56</sup> Schmidt (2004) indica o número de bombas sendo 09, enquanto Murray (1964) aponta para explosões em oito cidades diferentes. O *Tribune* indica que houveram oito cidades afetadas, sendo que Pittsburgh sofreu duas explosões.

<sup>57</sup> No original: “It seems entirely plausible that the Justice Department deliberately exaggerated the radical threat in the summer of 1919 to obtain public support and the necessary appropriations from Congress for an expansion of the government’s anti-radical efforts.”

<sup>58</sup> *New York Tribune*, 03/05/1919, p. 01. No original: “‘Reds’ Explode Bombs in Many Cities; Judge Nott’s Home Blown Up; Two Killed; A. Mitchell Palmer’s House Is Wrecked”

“Alvo dos Bombardeadores”<sup>59</sup>. Além disso, ele e o Juiz Nott tiveram detalhes das explosões em suas respectivas casas publicados já na capa. A primeira página dessa edição também dá destaque aos danos sofridos por uma igreja por causa das bombas.

Um prospecto intitulado “Palavras Francas”<sup>60</sup> foi encontrado perto da explosão na casa do Procurador-Geral Palmer. O texto anunciava que “[...] Trabalhadores Haviam Aceitado Desafio de Capitalistas Para Conflito Destrutivo”<sup>61</sup>. Esse prospecto será encarado como uma das pistas para a identidade dos bombeadores e mencionado várias vezes pelo jornal. Outra pista foi o chapéu encontrado na mesma cena de explosão. O dia 4 de junho teve como manchete a prisão de 19 pessoas e o início da busca por “vermelhos” em plano nacional. É relevante que, em meio às notícias sobre as bombas, o *Tribune* traz ainda, na capa do dia 4 de junho, uma matéria em que o Congresso se diz pronto para aprovar leis para prender radicais.

Um editorial descreve bombas como símbolos de traição e àqueles que usam esses artefatos explosivos como maneira de tomar o poder como potenciais assassinos em massa. O texto defende que os ataques foram planejados por pessoas que se consideram educadas e que a liberdade de expressão não é e nunca foi sem limites<sup>62</sup>. Nesse sentido, abre-se espaço para discussões sobre restrições de publicações radicais, por exemplo.

Mais uma vez, as investigações são extremamente públicas e ocupam um espaço muito grande das edições seguintes do *Tribune*. Há uma tentativa de associar o caso das bombas a leis de imigração. Por exemplo, o Departamento de Imigração é acusado de ser o responsável pelos ataques por não haver impedido a entrada de anarquistas. A acusação foi feita por um membro da AFL. Ainda na mesma edição do jornal, o Departamento de Imigração se defende de críticas sobre a falta de punição aos membros da I.W.W. e de que as novas bombas seriam consequência de seus atos. O Departamento garante ter feito todo o esforço possível para prender e deportar radicais da I.W.W, mas não existiam provas o suficiente e teve que liberá-los<sup>63</sup>.

Os eventos do *Red Scare* são constantemente tratados pelo *Tribune* na mesma página que discussões políticas da época. É bastante comum encontrar notícias sobre as bombas ou o *May Day*, por exemplo, cercadas de notícias de greves de trabalhadores, de notícias sobre leis de imigração e sedição e, entre outros assuntos, sobre americanismo nas escolas.

---

<sup>59</sup> No original: “Target of Bombers”.

<sup>60</sup> No original: “Plain Words”.

<sup>61</sup> *New York Tribune*, 03/05/1919, p. 01. No original: “[...] Workers Have Accepted Challenge of Capitalists to Destructive Conflict”.

<sup>62</sup> *New York Tribune*, 04/05/1919, p. 12.

<sup>63</sup> *New York Tribune*, 04/06/1919, p. 02 e p. 03.

## 2.5 O Comitê Overman

No dia seguinte à proclamação da greve geral de Seattle, o Senado dos Estados Unidos aprovou uma resolução que ampliava os deveres do Comitê Overman. Já previamente encarregado de investigar a propaganda alemã dentro do território estadunidense, o comitê, a partir daquele momento, passou a se dedicar, também à propaganda bolchevique. Criado em 1918, sob a chefia do Senador Overman, o comitê havia interpretado o seu mandato original de maneira ampla, pesquisando atividades e propaganda alemãs em geral, ao invés de apenas as relacionadas à indústria de cerveja. Foi a primeira vez que os Estados Unidos tiveram uma investigação congressional de atividades e opiniões políticas

Schmidt (2004) critica a interpretação da ampliação dos deveres do comitê como uma resposta ao sentimento anti-radical e a greve de Seattle. Baseado em diversas indicações de que o governo federal se utilizou do sentimento alemão durante a guerra para ganhar apoio popular e que canalizou esse sentimento para a ameaça radical, o autor sugere encarar o Comitê Overman como um instrumento para influenciar e formar a opinião pública. Iniciadas em 11 de fevereiro de 1919, no mesmo dia da declaração do fim da greve geral de Seattle, “[...] as audiências do comitê proveram os oficiais federais e anticomunistas com uma plataforma para educar o público sobre o terror bolchevista na Rússia e seus perigos para a América.” (SCHMIDT, 2004, p. 143).

O comitê ouviu tanto declarações a favor como declarações contra o Bolchevismo. No entanto, há uma clara diferença entre o tratamento dado às declarações pelo *Tribune*. Enquanto as declarações contra o Bolchevismo aparecem frequentemente no jornal com manchetes sensacionalistas, as declarações favoráveis à ideologia são apresentadas sempre a partir de suas incoerências. “Pró-Bolcheviques Admitem que ‘Vermelhos’ Passam dos Limites”<sup>64</sup> foi uma das manchetes sobre as declarações favoráveis a causa bolchevique. A matéria segue com a explicação que as duas testemunhas admitiram que atrocidades foram feitas pelo regime bolchevique, mas também por seus inimigos. A notícia aponta a falta de provas materiais fornecidas pelas duas testemunhas. Dois editoriais se dedicam a ressaltar as admissões dos defeitos do sistema Bolchevique por parte de seus defensores<sup>65</sup>.

Material recolhido pelo Comitê como evidências da propaganda Bolchevique no país é amplamente divulgado na capa da edição de 12 de março. A notícia evidencia o material relacionado a organização I.W.W. e traz na manchete a informação de que os “vermelhos”

<sup>64</sup> *New York Tribune*, 06/03/1919, p. 05. No original: “Pro-Bolcheviki Admit ‘Reds’ Go Too Far”.

<sup>65</sup> *New York Tribune*, 21/03/1919, p. 12 e *New York Tribune*, 23/03/1919, p. 23.

estariam planejando uma revolta nas escolas. A matéria ainda declara que o método utilizado pelos radicais seria de instaurar a revolução através de uma greve geral. Na edição anterior, já havia sido anunciada na capa do jornal que o governo havia revelado os planos de uma revolta “vermelha” nos Estados Unidos. “Todas as Fações Radicais Unidas Agora para Tomar a República, Diz Relatório do Procurador Lamar”<sup>66</sup> continua a matéria, que em nenhum momento, mostra ou questiona a falta de provas apresentadas pelo procurador para sustentar suas teorias. Outras matérias sobre os perigos do Bolchevismo apresentados ao Comitê Overman também foram publicadas na capa do *Tribune*. Por outro lado, nenhuma notícia sobre as declarações favoráveis ao sistema apareceu na capa do jornal.

O relatório final produzido pelo comitê sobre a propaganda Bolchevista no país foi publicado na capa da edição de 15 de junho de 1919 do *New York Tribune*.

Radicalismo, ilegalidade e violência na América e Bolchevismo, como exemplificado pelo governo Soviético na Rússia, foram denunciados em um relatório tornado público hoje pelo Sub-comitê Judiciário do Senado que fez uma exaustiva investigação desses e outros assuntos durante a última sessão do Congresso.<sup>67</sup> (*New York Tribune*, 15/06/1919 p. 01).

A matéria prossegue dando detalhes das sugestões feitas pelo comitê para controlar o radicalismo no país. Estão, entre elas, uma lei permanente similar ao Ato de Espionagem aprovado durante o período da guerra, maior regulamentação na compra de explosivos, controle e regulamentação de jornais publicados em língua estrangeira, além de um maior controle sobre a mídia impressa em geral. A declaração do comitê ainda enfatiza a severidade da situação nos Estados Unidos e pede ação por parte do Congresso para impedir a repetição de atividades radicais como as que haviam acontecido recentemente.

No dia seguinte, o *Tribune* publicou um editorial sobre o relatório final do Comitê Overman. O Bolchevismo é descrito como um inimigo dos Estados Unidos, que declarou guerra ao país e que prefere bombas a eleições. Além disso, I.W.W. é considerada pelo autor apenas mais uma forma de bolchevismo. Portanto, a lei proposta pelo comitê se vê necessária para combater o novo inimigo – não mais a Alemanha. O editorial declara que nunca havia sido necessário restringir agitações políticas sob o governo popular dos Estados Unidos, pois havia sido assumido que qualquer mudança seria feita através da lei. Mas mudança através de

---

<sup>66</sup> *New York Tribune*, 11/03/1919, p. 01. No original: “Government Reveals Red Plans for U.S. Revolt”.

<sup>67</sup> No original: “Radicalism, lawlessness and violence in America and Bolshevism, as exemplified by Soviet rule in Russia, were denounced today by the Senate Judiciary Sub-Committee which made an exhaustive investigation of these and other subjects during the last session of Congress.”

democracia não satisfaz os Bolchevistas, continua o texto. Por isso, passa a ser necessário “[...] tratar os inimigos como inimigos”<sup>68</sup> e alterar o Ato de Espionagem para que possa valer em tempos de paz. A propaganda bolchevista, continua o editorial, não pode ser considerada política, mas, sim, revolucionária e criminosa. A linguagem do editorial volta comparar a guerra contra a Alemanha e essa nova guerra, contra o Bolchevismo, e a nova lei proposta pelo Comitê com o Ato de Espionagem de 1917.

## 2.6 O Comitê Lusk

Foi aprovado pelo Senado em 21 de março de 1919, a criação de um comitê de investigação sobre as atividades radicais na cidade de Nova York. Popularmente, o comitê ficou conhecido como o Comitê Lusk, uma referência ao Senador Lusk, apontado como seu presidente. No entanto, foi somente em abril daquele ano que o comitê passou a funcionar realmente e atrair a atenção da mídia. No dia 20 de abril, o *Tribune* dedicou um pequeno espaço na sua capa para anunciar que o comitê começaria seus trabalhos na semana seguinte e que havia evidências de que Bolcheviques estariam recebendo dinheiro da Rússia para causar desconforto entre os trabalhadores dos Estados Unidos, com o objetivo de promover a tomada do governo.

Pfannestiel (2003) aponta a falta de questionamento sobre a veracidade e a origem dessas informações, por parte da imprensa em geral. “Apesar da falta de provas concretas, Stevenson e os membros do Comitê passaram os próximos sete meses enchendo jornais com histórias sobre revolução eminente, e os jornais aceitaram de boa vontade.”<sup>69</sup> (PFANNESTIEL, 2003, p. 26). O autor ainda defende que essa colaboração da imprensa de Nova York estaria ligada ao jornalismo profissionalizado, que depende de furos e circulação para ter sucesso.

As bombas de maio e de junho, assim como a violência de 1 de maio, levaram a uma aceleração do cronograma do Comitê Lusk. Em 12 de junho de 1919, o comitê, juntamente com a polícia de Nova York, fez sua primeira batida policial. O alvo foi o *Soviet Bureau*<sup>70</sup> e

---

<sup>68</sup> *New York Tribune*, 16/06/1919, p. 10. No original: “[...] to treat an enemy as an enemy.”

<sup>69</sup> No original: “Despite the lack of concrete proof, Stevenson and the committee members spent the next seven months filling newspapers with stories of impending revolution, and the newspapers willingly obliged.”

<sup>70</sup> Tradução livre pela autora: Escritório Soviético. Criado em janeiro de 1919, era comandado por Ludwig C. A. K. Martens, embaixador soviético dos Estados Unidos. O *Soviet Bureau* era parte de um esforço do regime soviético para ser reconhecido pelos Estados Unidos e normalizar as relações entre os países. A missão do *Bureau* era estabelecer contratos e laços econômicos com negócios estadunidenses. Sua presença foi considerada suspeita por oficiais do governo e seu status não foi reconhecido (PFANNESTIEL, 2003).

evidências de propagandas bolchevistas foram recolhidas pelo comitê, que também conduziu o questionamento de Martens, o encarregado do Bureau. Esse dia foi, na realidade, o primeiro encontro oficial dos membros do comitê. Como explicado pelo Juiz Newton, os membros estavam trabalhando desde que o comitê havia sido formado, mas iriam se encontrar pela primeira vez em 12 de junho<sup>71</sup>.

No dia anterior, a primeira reunião do comitê e a batida policial ao *Soviet Bureau*, o *Tribune* já havia publicado uma matéria com a declaração do presidente Lusk sobre a situação radical na cidade de Nova York. Lusk declarou que havia pelo menos 500.000 pessoas, só em Nova York, que acreditavam e defendiam revolução através da violência. O aumento recente no número de radicais, defende o presidente do comitê, é devido principalmente à propaganda efetuada pelos *parlor bolshevists*<sup>72</sup> e socialistas. Lusk anunciou, ainda, que a propaganda bolchevista no país estava muito espalhada e muito bem financiada e atacou a existência de um partido Socialista no país<sup>73</sup>.

A batida policial foi amplamente divulgada pelo *New York Tribune*. A edição do dia 13 de junho teve notícias relacionadas a esse assunto na primeira, na terceira e na quarta página. A manchete da capa citava a intimação de Martens e o recolhimento de uma grande quantidade de informação. Além disso, a matéria informava o questionamento de Martens pelo Comitê Lusk e o nome de outros intimados a testemunharem na frente do comitê. A notícia dá destaque à quantidade de material apreendido pela batida policial na sede do *Soviet Bureau* e a existência de propagandas para serem distribuídas pela América Latina.

A existência dessa quantidade de material e mesmo das propagandas direcionadas pela América Latina é negada por Nuorteva, porta-voz do *Soviet Bureau*, numa matéria publicada no *Tribune* no dia seguinte. Há uma referência indireta a jornais que publicaram a informação sobre propagandas voltadas a América Latina, como o fez o *Tribune*, mas o jornal não se posiciona, nem sustentando, nem negando as informações publicadas na capa do dia anterior. O porta-voz diz que as informações fornecidas aos jornais eram incorretas por culpa, principalmente, dos responsáveis pelas batidas. A declaração do porta-voz também pretende denunciar aspectos ilegais da operação comandada pelo Comitê Lusk e que procedimentos legais para recuperação de documentos estavam sendo considerados. Nuorteva ainda

---

<sup>71</sup> *New York Tribune*, 09/06/1919, p. 20.

<sup>72</sup> Tradução literal pela autora: Socialistas de salão. É um termo pejorativo usado para descrever simpatizantes do Bolchevismo que não pertenciam a classe trabalhadora.

<sup>73</sup> *New York Tribune*, 12/06/1919, p. 08.



acrescenta que “[...] a batida policial seria lembrada somente como ‘um episódio característico da histeria prevalecente nesse período.’”<sup>74</sup>.

Em 21 de junho, novas batidas policiais foram conduzidas pelo comitê Lusk. Os alvos dessa vez foram: a Escola de Ciências Sociais Rand<sup>75</sup>, a sede dos Socialistas de Esquerda e os escritórios locais da I.W.W. Os resultados nas batidas aos Socialistas de Esquerda e aos escritórios da I.W.W. foram considerados frustrantes e nenhum material de grande valor foi encontrado (MURRAY, 1964). A batida policial à Escola Rand foi a que concentrou o maior número de policiais envolvidos. Todas as batidas foram recebidas com calma e não houve violência, nem prisões em nenhum dos locais. Algernon Lee, diretor da Escola Rand, se recusou a abrir um cofre, alegando que não estava incluído no mandato. Dois dias depois, com um novo mandato, o comitê Lusk conseguiu acesso ao cofre.

Pfannestiel (2003) destaca a grande preparação para as batidas de 21 de junho. Uma check-list preparada por Lusk para as batidas do dia 21 de junho inclui duas dúzias de credenciais jornalísticas. De acordo com o autor, “O desejo por um pool de jornalistas é uma clara indicação da intenção de Lusk de orquestrar um circo midiático durante a batida policial; como ele havia demonstrado no passado, nenhuma fama era má fama.” (PFANNESTIEL, 2003, p.83)<sup>76</sup>. O autor ainda aponta que a segunda batida policial foi má recebida pela imprensa, o que levou Lusk e o comitê a procurarem nos documentos apreendidos as justificativas para a batida policial. Audiências públicas pelo comitê foram convocadas e os materiais apreendidos foram mostrados ao público. Algernon Lee teve negado o seu pedido de comparecer às audiências e defender a escola. No dia seguinte, os jornais publicaram seus elogios às atitudes patrióticas do comitê Lusk, aponta Pfannestiel.

No caso do *Tribune*, as batidas policiais ganham espaço na capa do dia 22 de junho. As batidas são descritas como um “Golpe Duro Em Radicais em Ataque a Escola Rand, I.W.W. e a ‘Ala da Esquerda’”<sup>77</sup>. A matéria continua informando que não houve prisões e que uma enorme quantidade de literatura foi apreendida. Há um grande destaque no jornal à batida policial à Escola Rand. Na quarta página da mesma edição, as notícias sobre as batidas continuam e Algernon Lee, diretor da Escola Rand, tem um grande espaço dedicado a sua declaração. O diretor reforça que a Escola não acredita em violência e que qualquer material

---

<sup>74</sup> *New York Tribune*, 13/06/1919, p. 03. No original: “[...] the raid would only be remembered as ‘a characteristic episode of the reign of hysteria prevailing at this time.’”

<sup>75</sup> No original: Rand School of Social Sciences, conhecida como Rand School ou Escola Rand.

<sup>76</sup> No original: “The desire for a pool of journalists clearly indicated Lusk’s intent to orchestrate a media circus during the raid; as he had demonstrated in the past, no press was bad press.”

<sup>77</sup> *New York Tribune*, 22/06/1919, p. 01. No original: “Heavy Blow Struck at Radicals by Descent Upon Rand School, I.W.W. and ‘Left Wing’”.

encontrado na livraria deve levar em consideração que a livraria vende livros de diferentes ideologias<sup>78</sup>.

A mesma edição do *Tribune*, ainda traz uma matéria com detalhes sobre o Escritório Soviético. Intitulada “Um Dia Típico Em Nossa Embaixada Bolchevista Local”, a matéria traz fotos dos membros do *Bureau* com a legenda “O Quarteto Que Dirige Bolchevismo Russo em Nova York”<sup>79</sup>. Além disso, aponta a possível ligação entre eles e atividades de extremistas radicais, que estava sendo investigado pelo Comitê Lusk. A notícia é um relato em primeira pessoa e mostra a surpresa do autor com a rápida recuperação do Escritório Soviético depois da batida policial. Além disso, há ainda detalhes extensos sobre a rotina do Escritório.

No dia seguinte, na capa do jornal, uma notícia anuncia que um novo mandato para abrir o cofre da Escola Rand, que continuava sob guarda<sup>80</sup>. A notícia, que continua na quarta página da mesma edição, ainda traz críticas aos procedimentos do Comitê Lusk por parte de um conselheiro da Escola Rand e por um membro do comitê, que pediu demissão. Ele foi o segundo membro do Comitê Lusk a se afastar por considerar errônea a atitude em relação ao Escritório Soviético<sup>81</sup>.

No dia 24 de junho, o *Tribune* informa na sua capa que o governo Soviético ameaça retaliação se Martens não fosse solto. Martens, na verdade, não havia sido preso e, sim, intimado a depor na frente do comitê Lusk e não pôde dizer como o governo havia ficado sabendo tão rápido da situação<sup>82</sup>. Na quarta página da mesma edição, o jornal relata que dentre os documentos apreendidos durante a batida à Escola Rand foi possível encontrar provas de que a escola doou dinheiro para membros da I.W.W. acusados sob o Ato de Espionagem. No dia seguinte, a teoria do Comitê Lusk de que Martens e o Escritório Soviético haviam ajudado a Escola Rand é publicada pelo jornal<sup>83</sup>.

A publicidade que o Comitê Lusk recebeu, ao menos do *Tribune*, é notável na quantidade e na frequência de notícias sobre suas descobertas e, até mesmo, sobre suas teorias. As críticas ao comitê também ocupam espaço no jornal, como no caso do professor que reclamou de estar na lista do comitê, apesar de não ser radical, em uma carta ao editor<sup>84</sup>.

---

<sup>78</sup> *New York Tribune*, 22/06/1919, p. 04.

<sup>79</sup> *New York Tribune*, 22/06/1919, p. 63. No original: “A Typical Day At Our Local Bolshevist Embassy” e “The Quartet That Directs Russian Bolshevism in New York”.

<sup>80</sup> *New York Tribune*, 23/06/1919, p. 01.

<sup>81</sup> *New York Tribune*, 23/06/1919, p. 04 e 21/06/1919, p. 03.

<sup>82</sup> *New York Tribune*, 24/06/1919, p. 01.

<sup>83</sup> *New York Tribune*, 26/06/1919, p. 08.

<sup>84</sup> *New York Tribune*, 24/06/1919, p. 10.

As críticas, no entanto, não aparecem por parte do jornal. Num editorial, o texto destaca e reprova veementemente um dos documentos apreendidos pelo comitê, que defende que mudanças são muito difíceis de serem atingidas através de meios democráticos<sup>85</sup>.

O objetivo da batida policial à Escola Rand era usar os documentos apreendidos para produzir provas para processar a escola por sedição e fechá-la permanentemente. Um julgamento da Escola Rand sob as acusações de anarquia criminal foi anunciado, mas constantemente adiado até ser cancelado. Murray (1964) interpreta esse atraso no julgamento como indicativo da falta de evidências do Comitê Lusk.

## 2.7 A Batalha Contra o Radicalismo nas Escolas

A Escola Rand de Ciências Sociais foi fundada em 1906. Era associada ao Partido Socialista e a Sociedade Socialista Americana. O dinheiro vinha principalmente dos alunos que a frequentavam e da livraria da escola. Não havia um corpo fixo de professores, e a escola se apoiava, principalmente, em palestrantes e professores temporários. Inicialmente, lutou para se manter aberta, mas, durante o período da Primeira Guerra, assim como o Partido Socialista, a escola viu sua força e o seu número de inscritos crescerem. Além disso, a escola conseguiu, nessa época, atingir a autossuficiência monetária.

A instituição pretendia oferecer a seus alunos a oportunidade de estudos avançados, o que incluía o estudo do Socialismo e outras matérias relacionadas. Apesar de a Sociedade Socialista Americana, dona da escola, ter sido processada pelo Ato de Espionagem durante a Primeira Guerra Mundial, a escola, em si, nunca havia enfrentado problemas com a lei. Durante o *Red Scare*, no entanto, antes mesmo da batida policial do Comitê Lusk, a Escola Rand já enfrentava problemas.

Durante os conflitos de 01 de maio, por exemplo, a Escola Rand foi um dos alvos da multidão enfurecida. De acordo com o relato do *Tribune*, a escola fez uma barricada nas portas da frente para impedir a entrada da multidão. Mesmo assim, invasores ganharam acesso pelas escadas de incêndio, penduraram uma bandeira dos Estados Unidos, saquearam a livraria e fizeram todos na rua os acompanharem ao cantar o hino do país<sup>86</sup>. Em 07 de abril, a escola também havia sofrido com ataques de um grupo de soldados que dizia estar caçando bolcheviques. Durante a perseguição a um socialista, a escola foi invadida. Dois dias depois, o

---

<sup>85</sup> *New York Tribune*, 26/06/1919, p. 12.

<sup>86</sup> *New York Tribune*, 02/05/1919, p. 02.

*Tribune* reportou mais uma invasão de homens uniformizados à escola. Policiais chegaram ao local, mas não houve prisões<sup>87</sup>.

Mesmo antes disso, a escola já vinha ganhando atenção no *Tribune*. Em 23 de fevereiro, numa edição de domingo, uma página inteira do jornal foi dedicada à Escola Rand. “A Escola de Ciências Sociais Rand, no entanto, pode ser comparada a um laboratório moderno, com os vapores de muitos ‘-ismos’, misturados com os odores convidativos de alimentos que vem da cafeteria, permeando o lugar.”<sup>88</sup>. A matéria segue descrevendo a escola em detalhes. As instalações, os tipos de livros vendidos na livraria, as matérias ensinadas, as posições políticas de trabalhadores da escola, entre outros detalhes, ganham destaque na reportagem.

A reportagem com os detalhes sobre a Escola Rand veio quase uma semana depois da manchete “Bolchevistas Mentem para Meninos de Escola”<sup>89</sup> aparecer na capa do *Tribune*. Em uma audiência pública, Dr. Campbell, professor de ensino médio, declarou ter encontrado evidência de um plano dos “vermelhos” de fazerem propaganda de seus ideais para crianças nas escolas públicas. Na declaração, o professor diz ter encontrado mais de um dos seus alunos com um panfleto publicado pela Escola Rand que trazia dados distorcidos para favorecerem o regime bolchevique.

Dois dias depois, outra manchete sobre o mesmo assunto é publicada na capa: “Bolchevique Tentam Transformar Meninos de Escola em ‘Vermelhos’”<sup>90</sup>. As acusações, dessa vez, vieram do diretor da Aliança Americana pelo Trabalho e Democracia<sup>91</sup>. A origem do problema, argumenta o diretor, estaria na presença de alguns professores radicais dentro do ensino público e a solução deveria partir de fora do sistema escolar. Ele ainda acrescenta que a responsabilidade por situações como a descrita pelo Dr. Campbell na outra reportagem seria das Escolas Dominicais Socialistas.

As Escolas Dominicais Socialistas eram voltadas para filhos de membros da classe trabalhadora. As aulas eram ministradas em inglês e essas organizações pretendiam criar compreensão e lealdade aos interesses da classe trabalhadora e aos preceitos do socialismo

---

<sup>87</sup> *New York Tribune*, 07/04/1919, p. 01 e *New York Tribune*, 09/03/1919, p. 03.

<sup>88</sup> *New York Tribune*, 23/02/1919, p. 23. No original: “The Rand School of Social Science, however, may be compared to a modern laboratory, with the fumes of many ‘-isms’, mixed with the inviting odors of victuals that come from the cafeteria, permeating the place.”

<sup>89</sup> *New York Tribune*, 17/02/1919, p. 01. No original: “Bolsheviki Feed Lies to Schoolboys”.

<sup>90</sup> *New York Tribune*, 19/02/1919, p. 01. No original: “Bolsheviki Aim To Make ‘Reds’ Of Schoolboys”.

<sup>91</sup> No original: American Alliance for Labor and Democracy. Organização financiada pelo Comitê de Informação do governo e apoiada pela AFL. Dedicava-se, inicialmente, a aumentar o apoio da população à participação na Primeira Guerra.

nas crianças que viriam, um dia, a se tornarem trabalhadores. Em 1912, existiam 14 escolas desse tipo na cidade de Nova York (BUHLE; BUHLE; GEORGAKAS, 1990).

Em 14 de abril, o *Tribune* trouxe em sua capa a seguinte manchete: “Doutrinas Leninistas Ensinadas à Centenas de Crianças em Escolas Socialistas Daqui”<sup>92</sup>. A linguagem do texto é bastante alarmada. A introdução declara que esse é o primeiro relato do que ocorre em escolas desse tipo. A matéria começa com a seguinte frase:

Mil e quinhentos meninos e meninas, variando dos cinco aos dezessete anos, estão sendo sistematicamente treinados em ‘Escolas Dominicais’ Socialistas em Nova York para abominar instituições nacionais e idolatrar Lênin, Trotzky, Rosa Luxemburgo e outros do seu tipo;<sup>93</sup> (*New York Tribune*, 14/04/1919, p. 01).

O jornal também dedicou meia página à Nova Escola de Pesquisa Social<sup>94</sup>. Essa escola pretendia eliminar o medo do novo, de acordo com a matéria. O autor, então, discorre sobre as variadas vantagens do medo inteligente do desconhecido e a contribuição que esse medo teve para o progresso da sociedade e que o papel das escolas deveria ser informar o que há de novo a ser temido. A instituição é descrita pelo autor como uma escola para ensinar a anarquia.

Outra maneira pela qual o *Red Scare* atingiu a educação é visível no caso do professor Benjamin Glassberg. Professor de História do Ensino Médio, ele foi acusado e julgado pelo Comitê de Educação por ter elogiado o sistema Bolchevique. Ele foi suspenso enquanto o caso era julgado e, eventualmente, demitido. Murray (1964) aponta que esse caso foi o mais público das demissões de professores por suas opiniões consideradas radicais. A cidade de Nova York foi a área com o maior número de professores demitidos. O Comitê Lusk, continua o autor, instigou grande parte dessas demissões.

É relevante que uma matéria publicada no dia 22 de março questione os limites do poder do Comitê de Educação de censurar seus professores. “O Comitê de Educação, que admitidamente tem o poder de censurar palestras dadas sob seus auspícios, também tem o direito de censurar discursos públicos de seus palestrantes quando eles estão falando

---

<sup>92</sup> *New York Tribune*, 14/04/1919, p. 01. No original: “Lenine Doctrines Taught to Hundreds of Children In Socialist Schools Here”.

<sup>93</sup> No original: “Fifteen hundred boys and girls, ranging from five to seventeen years of age are being systematically trained in Socialist ‘Sunday schools’ throughout New York to abhor national institutions to idolize Lenine, Trotzky, Rosa Luxemburg and other of their kind;”.

<sup>94</sup> No original: New School of Social Research.

independentemente em outros fóruns?”<sup>95</sup>. Depois de propor essa pergunta, a matéria segue expondo opiniões opostas de duas pessoas envolvidas com o Comitê de Educação.

O radicalismo na educação estava na pauta de discussão do *Tribune*. Ao mesmo tempo em que vemos acusações surgirem contra várias escolas de diferentes tipos, declarações anti-radicais também ocupam espaço no jornal, especialmente depois do tribunal de Glassberg. Por exemplo, uma manchete traz a promessa das escolas de Ensino Médio de se juntarem à luta contra o bolchevismo. Encabeçada pela Liga de Segurança Nacional<sup>96</sup>, a iniciativa convida professores e clubes de jovens a combaterem a doutrina. A declaração de uma representante dessa sociedade patriótica destaca a importância da matéria escrita e publicada pelo *Tribune* sobre as escolas dominicais socialistas em conscientizar os professores sobre o perigo<sup>97</sup>.

A discussão sobre radicalismo também levou a uma campanha pelo aumento dos salários dos professores. Houve uma associação do baixo nível de pagamento à tendência a acreditar e defender teorias radicais. Essa associação pode ser vista num editorial do *Tribune* que elogia o Governador por ter aprovado a lei de aumento do salário dos professores. O texto defende que um corpo de professores não pode ser substituído facilmente, ainda mais numa época em que cada contribuição para o esforço de americanização deve estar no máximo de sua eficiência<sup>98</sup>.

---

<sup>95</sup> *New York Tribune*, 22/05/1919, p. 19. No original: “Does the Board of Education, which admittedly has power to censor lectures given under its auspices, also have the right to censor public addresses of its lecturers when they are speaking independently in other forums?”.

<sup>96</sup> No original: National Security League.

<sup>97</sup> *New York Tribune*, 16/04/1919, p. 05.

<sup>98</sup> *New York Tribune*, 21/05/1919, p. 10.

## CAPÍTULO III – O *RED SCARE* E O *NEW YORK TRIBUNE* – PARTE II

### 3.1 A Greve de Policiais em Boston

Em 9 de setembro de 1919, 1.117 dos 1.554 policiais de Boston entraram em greve pelo direito de se afiliar a AFL (SCHMIDT, 2004). O Comissário da Polícia recusou não só a afiliação, mas também a criação de um sindicato próprio para a polícia. Os policiais, então, insatisfeitos com a situação salarial, entraram em greve. Schmidt aponta que *Bureau of Information* (BI) passou a investigar imediatamente a greve para encontrar atividades radicais. Apesar dos esforços, no entanto, não foi possível encontrar indícios de radicalismo.

A cobertura da mídia de Boston foi sensacionalista, de acordo com Murray (1964). A greve foi imediatamente chamada de bolchevique pela imprensa local, apesar de suas causas serem bastante moderadas, defende o autor. Nenhuma ação oficial para lidar com a greve anunciada pelos policiais foi feita e as medidas tomadas pela população em geral foram inadequadas. Houve distúrbios e violência na cidade, que não puderam ser contidos. No entanto, a imprensa local teria exagerado a situação em seus relatos. Os distúrbios continuaram até quinta-feira, dia 11, quando a situação foi controlada por uma polícia feita por cidadãos.

O Comissário de Polícia e o Governador prometeram não aceitar de volta policiais que participaram da greve, sob os protestos do prefeito. Murray (1964) destaca que esse posicionamento do Governador Coolidge lhe deu uma grande publicidade e ajudou a montar sua campanha, e eventual vitória, para a presidência. A promessa foi cumprida e a nova força policial, convocada pelo governador, foi composta, principalmente, por ex-soldados. A imprensa nacional, no entanto, continuou a discutir o assunto mesmo depois da conclusão da situação.

A greve de policiais em Boston foi amplamente divulgada e discutida no *New York Tribune*. As notícias sobre o assunto foram frequentemente expostas na capa do jornal com a manchete em letras grande e em posição de destaque. Por exemplo, no dia 11, a manchete com maior destaque na edição foi: “Tropas Viram Metralhadoras para Multidão de Boston; Três Mortos, mas Tumulto Prossegue”<sup>99</sup>. A matéria segue dando detalhes sobre a situação na cidade de Boston e, inclusive, indica a possibilidade de uma greve de simpatia por parte de outros sindicatos que estavam por votar seu apoio à greve dos policiais. Na página sete da

---

<sup>99</sup> *New York Tribune*, 11/09/1919, p. 01. No original: “Troops Turn Machine Guns on Boston Mob. Three Killed, but Rioting is Unchecked”.

mesma edição, a matéria continua e a possibilidade de uma greve geral ganha destaque. Além disso, a notícia descreve a indignação dos cidadãos com a falta de preparo por parte das autoridades da cidade, tanto o prefeito quanto o governador, que deram declarações para a imprensa acusando um ao outro de ter a autoridade e a responsabilidade de resolver o problema.

É interessante que, nas mesmas páginas que estão sendo discutidas as questões da greve de policiais apareçam matérias que apresentam propostas de promover a indústria através da eliminação da possibilidade da greve, por exemplo, e a proposta de uma lei que impediria policiais e trabalhadores do governo de fazerem greve<sup>100</sup>.

Um editorial intitulado “Uma Lição para Nova York”<sup>101</sup> descreve os acontecimentos de Boston como tristes e parabeniza os policiais e bombeiros de Nova York por declararem que não entrariam em greve sob nenhuma circunstância. A lição que Boston tem a oferecer para Nova York é a de respeitar e pagar o que é devido aos policiais, que vêm recebendo mal. Não há questionamentos sobre a validade das queixas dos policiais de Boston, apenas de seus métodos. Outro editorial critica o posicionamento da AFL e de seu presidente, Gompers, e sua luta para reestabelecer os policiais dispensados da força por terem feito a greve. “Felizmente os cidadãos de Boston, liderados por um governador corajoso, não deixaram dúvidas sobre o que o público primeiramente afetado pensava.”<sup>102</sup>

Em 21 de setembro, uma matéria de página inteira propõe aos leitores a seguinte pergunta: “Quando uma Greve Vira um Crime: Boston Responde”<sup>103</sup>. Ilustrada por várias charges criticando a greve dos policiais, a matéria enfatiza que opinião pública e a imprensa em geral, com exceção dos radicais e suas publicações, nunca estiveram mais unidas e unânimes em sua desaprovação desse ato de traição cometido pelos policiais de Boston. Além disso, a matéria cita vários editoriais de diferentes jornais que apontam o caráter Bolchevista de um ato desses. Há um destaque ao apoio dado a greve por parte da imprensa radical que considera esse evento como uma indicação de revolução no país.

### 3.2 A Greve de Aço

---

<sup>100</sup> *New York Tribune*, 12/09/1919, p. 02 e *New York Tribune*, 14/09/1919, p. 02.

<sup>101</sup> *New York Tribune*, 13/09/1919, p. 08. No original: “A Lesson For New York”.

<sup>102</sup> *New York Tribune*, 17/09/1919, p. 10. No original: “Fortunately, the citizens of Boston, led by a courageous Governor, left no doubt what the public first concerned thought.”

<sup>103</sup> *New York Tribune*, 21/09/1919, p. 69. No original: “When a Strike Becomes a Crime: Boston Gives the Answer.”



Dois dias depois do início da greve de policiais em Boston, foi anunciado que os trabalhadores da indústria de aço iriam entrar em greve nacional. A greve foi chamada pelo comitê nacional de trabalhadores de aço organizado e criado pela AFL. Schmidt (2004) destaca que o comitê havia sido infiltrado por agentes do BI e de donos da indústria. Mais uma vez o BI investigou a possibilidade de radicalismo desde o início da greve.

A cidade de Gary no estado de Indiana teve tumultos em resposta à utilização de trabalhadores negros para quebrarem a greve dos trabalhadores da indústria de aço. A cidade foi posta sob lei marcial e manchetes sobre elementos radicais tentando utilizar a greve como meio de atingir uma revolução foram publicadas. Batidas foram conduzidas pelos militares a sedes de organizações “radicais” com a ajuda e informações do BI (SCHMIDT, 2004).

Claramente, o efeito dessa publicidade, pelo menos em parte baseada em informações fornecidas por oficiais do Departamento de Justiça como Humes, era marcar a greve como um caso criminal ou subversivo na mente pública, e desincentivar trabalhadores e ativistas políticos de participarem nela (SCHMIDT, 2004, p. 224)<sup>104</sup>.

Murray (1964) destaca também o papel de conservadores e de representantes da própria indústria de aço em tornar o bolchevismo a característica mais marcante da greve e, não, as questões das condições trabalhistas e o baixo salário. As confusões e os tumultos foram reportados pela imprensa, que nunca divulgou os métodos violentos da polícia e das indústrias do aço, que também se utilizaram de trabalhadores negros para quebrar a greve.

A primeira notícia sobre a greve no *Tribune* é do dia 11 de setembro e aponta a greve da indústria de aço que estaria programada para o dia 22 e estava sendo organizada por 24 sindicatos. A matéria ocupa a capa da edição numa posição bem inferior às notícias sobre a greve dos policiais que estava sendo anunciadas. Na página seguinte, a notícia continua com um relato de um representante dos grevistas que reclamava de perseguições aos sindicatos e de vários impedimentos para que os trabalhadores se reunissem<sup>105</sup>. No dia 16 do mesmo mês, uma matéria ocupa a parte inferior da capa da edição do *Tribune* indicando que o começo da greve estava incerto já que o Presidente Wilson havia pedido aos trabalhadores que prorrogassem o ato. Além disso, outra matéria indica suspeita de que Gompers, presidente da AFL, estivesse tentando negociar com os líderes para que a greve não ocorresse<sup>106</sup>.

---

<sup>104</sup> No original: “Clearly, the effect of this publicity, at least some of which was based on information provided by Justice Department officials like Humes, was to brand the strike in the public mind as a criminal or subversive affair, and to warn off workers and political activists from participating in it.”

<sup>105</sup> *New York Tribune*, 11/09/1919, p. 01 e p. 02.

<sup>106</sup> *New York Tribune*, 16/09/1919, p. 01.

Há um grande sensacionalismo a respeito da greve depois do dia 22. Um grande número de capas e páginas é dedicado a esse assunto e o *Tribune* não hesitou em fazer editoriais sobre a greve. A primeira manchete do *Tribune* depois da greve começada é: “Trabalhadores do Aço Entram em Greve; Atiram nas Tropas; Trabalhadores Estrangeiros Dizem que a Revolução Começou”<sup>107</sup>. Os grevistas são retratados como estrangeiros de origem eslava, com sonhos de uma nova Rússia, cujo objetivo é uma revolução e não a melhoria das condições de trabalho. O *Tribune* publicou várias matérias com o objetivo de desacreditar os grevistas e suas demandas. Outro exemplo pode ser visto, ainda na mesma edição, na segunda página. Uma pequena matéria anuncia que um número considerável de grevistas iria passar férias luxuosas em Nova York enquanto a paralisação estivesse ocorrendo.

Nesse mesmo sentido, um editorial opõe “o resto de nós” a uma minoria violenta e intoxicada que tem por objetivo uma revolução violenta, que se disfarça de melhorias nas condições de trabalho. O texto segue generalizando que as greves não representam mais uma falha no ajuste econômico entre patrão e empregado e, sim, algo artificial e sinistro criado para servir como meio para um fim e causar desorganização. Então, os grevistas das indústrias de aço são usados como um exemplo dessa corrupção do objetivo original das greves já que, de acordo com o texto, nunca teriam sido tão bem pagos. O texto termina com uma grande declaração de que os eventos que se passaram na Rússia não podem se passar nos Estados Unidos porque os cidadãos não permitirão e com uma convocação aos representantes conservadores dos trabalhadores, principalmente a AFL, para se posicionarem e agirem contra o radicalismo<sup>108</sup>.

A greve ainda durou mais dois meses, sendo encerrada oficialmente em 8 de janeiro de 1920, quando o número de grevistas já tinha caído consideravelmente e por volta de 70% da produção já estava com a atividade normalizada (MURRAY, 1964).

### 3.3 A Greve do Carvão

Seis semanas depois do anúncio da greve dos trabalhadores de aço, outra greve começou. Os salários dos trabalhadores mineiros estavam praticamente estacionados desde que um acordo fora feito, que duraria a extensão da guerra, mas não ultrapassaria abril de

---

<sup>107</sup> *New York Tribune*, 22/09/1919, p. 01. No original: “Steel Workers Strike, Fire on Troops; Alien Labor Thinks ‘Revolution’ Has Begun”.

<sup>108</sup> *New York Tribune*, 22/09/1919, p. 06.

1920. A guerra havia acabado e os trabalhadores queriam um aumento. Em 1 novembro de 1919, foi declarada a greve.

A greve dos mineiros também foi infiltrada por agentes do BI. Um dos objetivos da participação era vigiar e reportar se líderes da *United Mine Workers* (UMW)<sup>109</sup> participassem da greve. Eles estavam proibidos de participar por uma injunção de 31 de outubro. Schmidt, no entanto, aponta para outro objetivo da vigilância sob a greve. Para ele, “Assim como no caso da greve do aço, notícias das atividades dos agentes federais foram vazadas para imprensa, muito provavelmente para assustar líderes trabalhistas a desistirem da greve.”<sup>110</sup> (SCHMIDT, 2004, p.230).

Novamente, a avaliação de Murray (1964) sobre a reação da imprensa é que foi exagerada e de acordo com as opiniões expressadas por oficiais do governo e por setores conservadores da sociedade. Foram publicados editoriais bastantes emocionais e que exigiam uma resposta rápida pelas autoridades. É interessante que o autor utilize o *New York Tribune* como exemplo da cobertura sensacionalista sobre a greve. Nas palavras do autor, alguns dos jornais, como o *Tribune*,

[...] ficaram tão empolgados que caracterizaram os mineiros como ‘com sede de greve... Milhares deles banhados em vermelho nas doutrinas do Bolchevismo, clamam pela greve como meio de sindicalizar as minas de carvão... e até de começar uma revolução geral na América’.<sup>111</sup> (MURRAY, 1964, p.156).

Nesse sentido, a primeira manchete depois da greve deflagrada ocupa um espaço privilegiado, com letras grandes, na capa da edição do dia 01 de novembro. “Mineiros de Carvão Entram em Greve Contra os Estados Unidos; Injunção Falha em Parar a Greve; Nação Preparada”<sup>112</sup>. Ainda para reforçar essa ideia, uma charge está colocada logo abaixo dessa manchete mostrando um homem bem apessoado legendado como “bem geral” oposto a um homem sujo com o escrito “interesses de grupo”. Atrás se vê uma fila de pessoas, sendo a

---

<sup>109</sup> Tradução livre: Trabalhadores Mineiros Unidos

<sup>110</sup> No original: “As in the case of the steel strike, news of the activities of the federal agents was leaked to the press, most likely to frighten the labor leaders into calling off the strike.”

<sup>111</sup> No original: “[...] were so carried away that they characterized the miners as ‘thirsting for a strike... Thousands of them red-soaked in the doctrine of Bolshevism clamor for the strike as a means of syndicalizing the coal mines... and even as starting a revolution in America’.”

<sup>112</sup> *New York Tribune*, 01/11/1919, p. 01. No original: “Coal Miners Strike Against United States; Injunction Fails to Halt Walk-out; Nation Ready”

primeira uma representação de um mineiro. O título da charge é: “Escolhei Nesse Dia A Quem Servireis”<sup>113</sup>.

No dia seguinte, uma matéria intitulada “Greve Mineira É Guerra Contra o Governo”<sup>114</sup> foi publicada. A reportagem ocupa a página inteira e relata a unificação da opinião da imprensa sobre a ameaça proporcionada por essa greve. O texto é um relato sobre as opiniões e descrições da greve feitas por outros jornais. A ação dos mineiros é caracterizada como uma forma de traição ao país e é reforçada a extravagância das demandas pelos trabalhadores. Os paralelos com a cobertura do jornal sobre a greve do aço são notáveis.

Um editorial bate fortemente no aspecto ilegal e imoral da greve de aço, ecoando a declaração do Presidente Wilson. O aspecto imoral da greve estaria em não respeitar o acordo de salário feito, que ainda era válido porque, tecnicamente, a guerra ainda não havia acabado e por não respeitar o pedido do Presidente para adiar a greve. O aspecto ilegal da greve estaria em diminuir a produção de produtos necessários para a vida. O texto celebra a declaração de que a greve estava quebrando um estatuto criminal porque ela havia sido, desde o início, uma tentativa de atacar o governo e o público<sup>115</sup>.

### 3.4 O Massacre de Centralia

Em novembro de 1919, apenas duas sedes da I.W.W. ainda estavam em operação no estado de Washington. A maioria havia sido fechada por batidas policiais ou invadidas por multidões furiosas. Uma delas, localizada na cidade de Centralia, estava abrindo novamente, já que havia sido fechada ainda em 1918. A comunidade respondeu a essa “ameaça” criando a Associação Protetora de Centralia<sup>116</sup>.

No dia do armistício, 11 de novembro, uma parada liderada pela Legião Americana se reuniu na praça da cidade; membros da Associação Protetora de Centralia também formavam a multidão. A sede da I.W.W. tomou precauções para se defender de um possível ataque. A parada passou pacificamente na frente da sede, mas voltou e passou novamente. Dessa vez, quando se aproximaram da sede, de forma desorganizada, os membros da parada foram recebidos com tiros pelos membros da I.W.W. Pessoas morreram e os *Wobblies* que atiraram foram quase todos imediatamente presos. Wesley Everest, membro da I.W.W. e ex-soldado,

---

<sup>113</sup> No original: “Choose Ye This Day Whom Ye Shall Serve”

<sup>114</sup> *New York Tribune*, 02/11/1919, p. 77. No original: “Coal Strike Is War Upon Government”.

<sup>115</sup> *New York Tribune*, 10/11/1919, p. 08.

<sup>116</sup> No original: Centralia Protective Association.

conseguiu escapar da prisão imediata, mas foi perseguido. Ele atirou contra a multidão que o perseguia quando não pode mais correr. Quando ficou sem balas, foi chutado, machucado e arrancaram seus dentes com o cano de um rifle e só, depois, foi levado para a prisão junto com os outros *Wobblies*.

Ainda naquela noite, uma multidão enfurecida entrou na prisão, arrastou Everest para a rua e o linchou. Ele foi pendurado por uma corda na ponte da cidade e deixado lá por alguns dias. Depois disso, o corpo foi levado para as celas e deixado à vista de seus companheiros. Nenhum inquérito para investigar a causa da morte de Everest foi aberto (MURRAY, 1964).

Sobre esse aspecto do *Red Scare*, Schmidt diz que “[...] com a exceção de um número de bombas anarquistas em junho de 1919, quase toda a violência política era perpetrada por grupos patrióticos ou de direita, no entanto as autoridades se concentravam em reprimir as vítimas.”<sup>117</sup> (SCHMIDT, 2004, p. 106). As poucas investigações de atos violentos iniciados pela Legião Americana, organização particularmente ativa na repressão de atividades radicais, não levavam a acusações. A investigação inicial do BI já se baseava na suposição de que a violência havia sido iniciada pelos *Wobblies* e que estrangeiros estavam envolvidos. Mesmo depois, quando o BI já possuía informações confiáveis de que o primeiro movimento havia sido feito pelos Legionários que tentaram invadir o prédio da I.W.W., o BI resolveu manter em silêncio essas informações. Esses fatos nunca foram liberados para a imprensa e foram ignorados pela justiça estadunidense.

A manchete publicada no *New York Tribune*, no dia seguinte ao massacre traz como manchete: “I.W.W. Atiram na Parada do Armistício; Matam 3 Ex-soldados; [...]” e continua dando informações sobre a perda de força da greve dos mineiros. A informação sobre a morte de Wesley Everest aparece apenas mais embaixo, não tão destacada: “Multidão Enforca 1 ‘Vermelho’, 8 Estão na Cadeia”. Poucas linhas são dedicadas a Everest, cujo nome o jornal não informa, e boa parte é para informar que ele atirou em um ex-soldado.

O editorial publicado no dia 28, pelo *Tribune*, não faz qualquer menção ou condenação ao linchamento de Everest. O texto vitimiza os soldados que estavam celebrando o dia do armistício pacificamente e que haviam sido interrompidos pelos *Wobblies*. As vítimas desse ataque, continua o editorial, haviam se sacrificado pela liberdade de todos os homens. Uma das palavras utilizadas para descrever os atiradores é “monstros”. Para o autor, os membros da I.W.W. temem soldados da mesma maneira que criminosos temem policiais. O texto termina no seguinte tom: “O sangue dos meninos no distante Washington não foi

---

<sup>117</sup> No original: “[...] that except for a number of anarchist bombs in June 1919, almost all political violence was perpetrated by right wing or patriotic groups, yet the authorities concentrated on repressing the victims.”

derramado em vão.”<sup>118</sup>. Suas mortes haviam demonstrado as verdadeiras intenções dos ‘Vermelhos’.

### 3.5 *As Palmer Raids*

As batidas policiais organizadas pelo Procurador-Geral A. Mitchell Palmer, popularmente conhecidas como *Palmer Raids* são consideradas o clímax do *Red Scare*. As prisões em massa e deportações de cerca de 10.000 estrangeiros suspeitos de serem anarquistas e comunistas ocorreram no final de 1919 até o início de 1920.

Depois do ataque da bomba à sua casa em 2 de junho de 1919, Palmer pediu financiamento do governo para criar, dentro do Departamento de Justiça, a Divisão Anti-Radical<sup>119</sup>. O financiamento foi concedido e a divisão criada sob o comando de J. Edgar Hoover, que depois assumiria o controle do *Bureau of Information*. O objetivo da Divisão era armazenar informações sobre atividades radicais dentro dos Estados Unidos e coordenar investigações sobre esse assunto.

Murray (1964) sustenta que as ações do Departamento de Justiça haviam sido cautelosas graças às críticas que haviam recebido ao tentar deportar estrangeiros anteriormente. Após a Greve de Seattle, 54 estrangeiros radicais haviam sido presos e aguardavam uma decisão para serem deportados do país. No entanto, o governo havia enfrentado críticas por sua ação. Em maio de 1919, apenas três dos estrangeiros haviam sido deportados.

Com os novos eventos, continua a tese de Murray, a pressão por uma ação por parte do governo aumentou, assim como a exigência por deportações de estrangeiros que fossem uma ameaça ao país. Em 14 de outubro de 1919, a Resolução Poindexter foi aprovada no Senado. A resolução exigia que Palmer prestasse contas de suas atividades contra estrangeiros radicais. O Senado queria saber se e quais procedimentos legais haviam sido tomados pelo Procurador-Geral para lidar com estrangeiros que estavam ameaçando o país e suas instituições legais. No dia 7 de novembro, Palmer lançou uma batida policial de escopo nacional à União de Trabalhadores Russos (URW)<sup>120</sup>.

Schmidt (2004) critica essa visão, que Murray defende, de que as *Palmer Raids* seriam uma resposta à pressão popular e do governo que também sucumbiu à histeria. Nessa teoria, a

---

<sup>118</sup> *New York Tribune*, 28/11/1919, p. 12. No original: “The blood of the boys in far-off Washington is not shed in vain”.

<sup>119</sup> No original: *Antiradical Division* ou *General Intelligence Division*.

<sup>120</sup> No original: *Union of Russian Workers*.

Resolução Poindexter seria o gatilho que levou Palmer e o Departamento de Justiça a responderem através de suas batidas policiais. Schmidt sustenta que a resolução teria sido a continuação de um ataque à administração do Presidente Wilson, do Partido Democrata, por parte do Partido Republicano. Esse ataque repetidamente se baseava na sugestão de que o Presidente simpatizava com os radicais e que a sua administração havia sido infiltrada por eles. O *New York Tribune* publicou algumas notícias que apontavam essa conexão<sup>121</sup>.

Schmidt ainda ressalta que a crítica do Senador Poindexter não levava em consideração as atividades prévias do Departamento de Justiça em atacar atividades radicais e nem as limitações que a legislação impunha. Não era possível, com as leis vigentes, processar pessoas apenas por defenderem a tomada do governo através da violência. Além disso, continua o autor, as preparações para a deportação em massa, que tomou a forma das *Palmer Raids*, já vinham sendo feitas anteriormente e, por isso, não podem ser consideradas uma reação à pressão.

Ademais, as batidas policiais foram acompanhadas por uma extensiva propaganda para educar tanto os políticos quanto a população em geral sobre a necessidade de deportar os estrangeiros. Um grande número de jornais influentes basearam seus relatos sobre as batidas policiais no comunicado de imprensa sem tentar verificar os fatos apresentados por conta própria (SCHMIDT, 2004).

A capa do dia 8 de dezembro do *New York Tribune* trouxe em destaque a prisão de 156 radicais e anunciou o início do esforço nacional para reunir e julgar os “vermelhos”. O subtítulo da matéria anuncia a quantidade de mulheres presas: oito. Boa parte dos presos iria ser julgada pelo crime de anarquia criminal. A notícia não traz muitos detalhes sobre a batida policial, mas foca na apreensão de material de propaganda e da batida ter sido para impedir uma conspiração “vermelha”. Uma matéria de capa do dia 11 traz uma declaração do Procurador-Geral Palmer que promete continuar a apreender estrangeiros considerados perigosos e a pressionar pela deportação dos que já haviam sido presos.

Não foram encontrados editoriais nem criticando, nem elogiando as atitudes de Palmer. Há, por parte do *Tribune*, um relativo apagamento do assunto se comparado, por exemplo, a publicidade dada às batidas policiais conduzidas pelo Comitê Lusk, no mesmo período e às que haviam sido conduzidas pelo Comitê Overman anteriormente. Talvez essa atitude possa ser explicada por um desinteresse em fazer propaganda para Palmer que, na

---

<sup>121</sup> Por exemplo: *New York Tribune*, 12/02/1919, p. 12.

época era considerado um possível candidato do Partido Democrata às próximas eleições presidenciais.

Em 21 de dezembro de 1919 ocorreu a primeira e única deportação em massa de condenados políticos dos Estados Unidos. Um navio, chamado USS *Buford*, partiu de Nova York com destino a Finlândia, carregando 249 pessoas. Dessas pessoas, 184 eram membros da URW, 51 eram anarquistas independentes e os outros 14 haviam violado outros aspectos das leis de imigração. A descrição dos deportados, liberada para a imprensa, era de pessoas bem vestidas e carregando grandes quantias de dinheiro “[...] insinuando que eles haviam ficado ricos ao denunciar o sistema capitalista.”<sup>122</sup> (SCHMIDT, 2004, p. 275).

Uma das matérias sobre o USS *Buford* que ocupa a capa do *Tribune* do dia 22 de dezembro é, justamente, uma declaração de Siegel, membro do Comitê de Imigração, em que ele se declara surpreso com a qualidade das acomodações dos deportados do navio e com a luxuosidade das bagagens dos passageiros. Ele dá destaque às acomodações dispensadas a Emma Goldman. A outra matéria de capa descreve Goldman como a mais calma entre os deportados.

A maior manchete da capa também é sobre a deportação: “249 ‘Vermelhos’ Enviados para Rússia Jurando Vingança à América; [...]”<sup>123</sup>. A matéria dá atenção à importância e à singularidade do evento que é descrito como um evento de grande importância política. Apesar da manchete, a notícia apresenta a possibilidade de que o navio pare em um porto da Finlândia.

Um editorial, publicado na mesma edição, celebra a passagem da aprovação inicial de uma lei de deportação para estrangeiros que destruíssem propriedade, matassem representantes do governo ou fossem membros de uma organização que suporte a tomada de governo por meio da violência. O texto critica a apatia anterior do governo em relação a essa questão e aponta que retorná-los a Rússia será devolvê-los a sua casa espiritual<sup>124</sup>.

No dia 28 foi publicada uma matéria de página inteira intitulada “A Arca Soviética Parte Entre Vivas”. A Arca Soviética foi apelido sob o qual o USS *Buford* ficou conhecido. A matéria é uma reunião de citações que comprovam a aprovação da ação pela imprensa toda. A exceção, aponta o texto, está na imprensa radical “amargurada”. Mais uma vez, a luxuosidade dos deportados e seus pertences é ressaltada pelo jornal<sup>125</sup>.

---

<sup>122</sup> No original: “[...] implying that they had gotten rich by denouncing the capitalistic system.”

<sup>123</sup> *New York Tribune*, 22/12/1919, p. 01. No original: “249 ‘Reds’ Shipped to Russia Vowing Vengeance on America; [...]”.

<sup>124</sup><sup>124</sup> *New York Tribune*, 22/12/1919, p. 10.

<sup>125</sup> *New York Tribune*, 28/12/1919, p. 73.



A segunda, e última, das *Palmer Raids* ocorreu em janeiro de 1920. As batidas aconteceram simultaneamente em 31 cidades dos Estados Unidos e seus alvos eram o Partido Comunista e o Partido Comunista dos Trabalhadores. Estrangeiros foram levados sob custódia e uma grande quantidade de literatura e propaganda foi apreendida. As batidas atacaram tanto sedes, como reuniões dos partidos que haviam sido recém-formados. Os dois partidos, que competiam entre si, haviam sido fundados como consequência da expulsão da ala esquerda de dentro do Partido Socialista e a maioria de seus membros eram estrangeiros, tornando-os vulneráveis aos ataques do governo.

Foi fornecida à imprensa uma sequência de histórias anti-radicais por parte do Departamento de Justiça (SCHMIDT, 2004). Uma das histórias foi a mensagem de ano novo do Procurador-Geral Palmer, que alertava os cidadãos da ameaça vermelha que sondava o país. Além disso, foram distribuídas imagens sinistras de radicais estrangeiros e músicas revolucionárias que deveriam ser impressas sob a manchete de “[...] ‘O Que os Vermelhos Nos Fariam Cantar – Músicas da I.W.W. – Apreendidas em Batidas Contra Vermelhos do Departamento de Justiça dos E.U.A.’”<sup>126</sup> (SCHMIDT, 2004, p. 295).

Assim como na primeira das *Palmer Raids*, não foi encontrado comentário editorial sobre o assunto. Por outro lado, a edição do dia 3 de janeiro trouxe na capa, a manchete anunciando as batidas policiais em toda a nação. O *Tribune* chama atenção especial para a situação da cidade de Nova York, que liderou o país com o maior número de presos. A página ainda justifica a ação de Palmer como uma resposta a ameaça de revolução por parte dos radicais<sup>127</sup>.

### 3.6 As Mulheres Durante o *Red Scare*

Com a relação entre o radicalismo e a nacionalidade, amplamente discutida durante o período do *Red Scare*, a questão da nacionalidade feminina é de grande relevância. Um artigo publicado no *Tribune* em 9 de fevereiro chama atenção para a complicada situação das mulheres. Intitulado “Uma Mulher Sem País”<sup>128</sup>, o artigo foi escrito por uma advogada que critica a cidadania automática de mulheres estrangeiras que casem com cidadãos estadunidenses.

---

<sup>126</sup> No original: “[...] ‘What Reds Would Have Us Sing – From I.W.W. Songs – Seizes in Red Raids of U.S. Department of Justice.’”

<sup>127</sup> *New York Tribune*, 03/01/1919, p. 01.

<sup>128</sup> *New York Tribune*, 09/02/1919, p. 39. No original: “A Woman Without a Country”.

“Mas existe erro de julgamento na regra, já que a fêmea da espécie é tão patriótica e leal a sua nacionalidade quanto o macho, independentemente de que no resto dois corações possam bater ‘como um’.”<sup>129</sup>. A autora continua dizendo que a nacionalidade estadunidense é muito preciosa para ser distribuída livremente e que as cidadãs estadunidenses haviam lutado muito para ver a sua cidadania ser dada sem limites.

O artigo ainda destaca que esse é um problema internacional e que deve ser debatido e discutido internacionalmente. A sugestão da autora, então, é que já que não seria possível para os Estados Unidos negar a cidadania unilateralmente que, pelo menos, pudesse acrescentar à lista de atraso da aprovação da cidadania a questão da mulher estar ou não pronta para jurar lealdade à bandeira. Ela ainda defende que se eduque a mulher estrangeira que tenha nascido fora do país, assim como se educa as crianças filhas de imigrantes e alerta para mulheres naturalizadas que trabalharam para os inimigos do país durante a guerra.

Outro aspecto da nacionalidade feminina aparece em outro artigo na mesma página. Também escrito por uma mulher, é um relato da autora, que está sem país. O início do texto serve para ilustrar a vida da autora, nascida nos Estados Unidos, professora e defensora do sufrágio feminino. Depois, a autora descreve sua posição como uma mulher sem país. Casada com um imigrante alemão, ela faz questão de descrever seu marido como um homem sem conexões com a Europa ou a Alemanha. Morto na guerra, o marido não conseguiu completar o processo de naturalização e ela ficou, portanto, sem sua cidadania estadunidense. Nas eleições anteriores, quando mulheres conseguiram votar por meio de leis estaduais, ela ficou de fora.

Durante as audiências do Comitê Overman, uma matéria do *Tribune* se dedica exclusivamente a mulheres que as assistiram. O repórter descreve que uma das audiências contou com a presença de um grupo de seis mulheres, que representavam diferentes camadas da sociedade e comentavam em tom audível a audiência. De acordo com a reportagem, a maioria delas não se declarou bolchevistas, mas interessadas na verdade. É de relevância que o autor dê destaque ao fato de que uma das mulheres parecia “maternal” e que ele assume que “Ela deveria ser uma capitalista, vivendo da renda espremida de alguns proletários através de pequenos investimentos deixados por seu marido.”<sup>130</sup> Outro destaque do autor é para a

---

<sup>129</sup> *New York Tribune*, 09/02/1919, p. 39. No original: “But there is error of judgement in the rule, for the female of the species is as patriotic and loyal to the land of her nativity as the male, notwithstanding that in all else two hearts may beat ‘as one’.”

<sup>130</sup> *New York Tribune*, 27/04/1919, p. 72. No original: “She must have been a capitalist, living on the income squeezed from some proletarians through small investments left by her husband.”

ausência de mulheres judias ou estrangeiras, o que seria esperado já que a conexão entre radicalismo e nacionalidade era bastante pautada na época.

Além disso, o autor descreve a reação do grupo de mulheres às acusações de que na Rússia as mulheres deveriam ser compartilhadas pelos homens. Desconfortável, inicialmente, o grupo se acalma quando uma delas sugere que esse comportamento foi aprovado pelas mulheres russas, já que elas possuem o direito ao voto. A matéria segue sugerindo que elas não acreditaram nos testemunhos apresentados ao comitê.

A reportagem dedica seus últimos parágrafos a descrição do comportamento e do pensamento de uma testemunha mulher do Comitê Overman. O autor encerra a matéria dizendo que analisar essas mulheres ajuda a entender uma bolchevista feminina. “Sentimento, fé, simpatia, uma crença ou descrença nos fatos conduzida de maneira pessoal, algumas vezes uma insatisfação com a vida como tem sido. Bastante feminino? Ou apenas humano?”<sup>131</sup>. É relevante apontar que tanto essa matéria como a reportagem sobre as mulheres assistindo às audiências do Comitê Overman estão em edições dominicais, numa seção do *Tribune* intitulada Novidades da Semana Entre as Mulheres<sup>132</sup>.

As mulheres também aparecem na luta contra o radicalismo. No dia 4 de maio, o *Tribune* publicou um artigo informando que um milhão de mulheres haviam se comprometido a lutar contra o Bolchevismo em uma campanha organizada pela Liga de Segurança Nacional. O movimento era um esforço de americanização que contava com os clubes de mulheres. A Liga forneceria materiais para ajudar no combate<sup>133</sup>. Outra notícia traz informações sobre um comitê de mulheres sufragistas que se empenha em promover a melhora dos votantes através de um programa de educação, assim como espalhar o uso do inglês como língua exclusiva do país e incentivar a cidadania de estrangeiros<sup>134</sup>.

As mulheres radicais, por sua vez, são tratadas pelo *Tribune* como uma exceção ou uma causa para destaque. Ao descrever os presos em consequência dos tumultos de primeiro de maio, a manchete do *Tribune* é: “Polícia de Chicago Prende 17 em Confronto Com Radicais; Uma Mulher”<sup>135</sup>. Fica subentendido certa surpresa em sua existência ou até mesmo uma característica excepcional o fato de serem mulheres. Outro exemplo é que na matéria

---

<sup>131</sup> *New York Tribune*, 27/04/1919, p. 72. No original: “Sentiment, faith, sympathy, a personally conducted belief or disbelief in facts, sometimes a dissatisfaction with life as it has been. Quite feminine? Or just human?”

<sup>132</sup> No original: News of the Week Among Women.

<sup>133</sup> *New York Tribune*, 04/05/1919, p. 07.

<sup>134</sup> *New York Tribune*, 25/05/1919, p. 65. Essa notícia também está na seção de notícias sobre mulheres.

<sup>135</sup> *New York Tribune*, 02/05/1919, p. 02. No original: “Chicago Police Take 17 in Clash With Radicals; One Woman.”

dedicada a Escola Rand, a presença das mulheres ganha destaque através de um subtítulo que indica a presença de mulheres alunas<sup>136</sup>.

### 3.7 A Questão Racial

O movimento negro foi observado de perto pelas autoridades durante o período do *Red Scare*. Frequentemente, eram acusados de serem comunistas ou de serem mais suscetíveis às influências estrangeiras que traziam o comunismo para dentro dos Estados Unidos e isso justifica a interferência do governo em suas publicações e atividades. Schmidt (2004), no entanto, chama atenção para a tensão social que a Grande Migração de trabalhadores negros para o norte do país havia exacerbado. Ele indica que, na verdade, os indivíduos negros, suas publicações e organizações estariam sendo vigiados não por serem uma ameaça comunista, mas por ameaçarem a ordem racial. A prioridade era conservar a ordem racial dos Estados Unidos e, portanto, outras minorias também foram investigadas pelo BI, como, por exemplo, os nipo-americanos (SCHMIDT, 2004).

Um assunto que ganhou certa visibilidade no *Tribune* foi a questão da afiliação sindical dos trabalhadores negros. Em 14 de junho, a AFL se reuniu em conferência e votou a organização dos trabalhadores negros dentro dessa organização. Essa aprovação foi caracterizada por Gompers, presidente da AFL, como uma resposta aos críticos da organização que a consideravam excludente. Na conferência também ficou estabelecida que não existiria uma duplicação da AFL separando entre a dedicada a trabalhadores brancos e a dedicada a trabalhadores negros<sup>137</sup>. Outras matérias sobre esse assunto foram publicadas nos dias seguintes pelo jornal. Uma delas foi um extensivo elogio sobre a convenção da AFL e sua luta contra as tentativas do Bolchevismo e do plano de Seattle de comandar a organização. As tentativas dos radicais foram veementemente ignoradas durante a convenção e, numa passagem breve, a aprovação da participação de trabalhadores negros na AFL é elogiada<sup>138</sup>.

O *Red Scare* foi marcado pela violência racial. Murray (1964) relaciona essa violência a uma consequência dos resultados da investigação do Comitê Lusk. O resultado apontava para um grande crescimento do radicalismo entre a população negra e a imprensa reagiu focando atenção nas tentativas radicais de converterem os negros. Seguiram-se, então, meses de grande violência racial.

---

<sup>136</sup> *New York Tribune*, 22/02/1919, p. 21.

<sup>137</sup> *New York Tribune*, 14/06/1919, p. 01.

<sup>138</sup> *New York Tribune*, 29/06/1919, p. 80.

Antes da divulgação dos resultados do Comitê Lusk, um artigo intitulado “Nação Deveria Parar de Linchar, Diz Hughes”<sup>139</sup> discute o problema dos linchamentos. Hughes, que apresentou sua fala na Conferência Nacional sobre Linchamento acredita que os Estados Unidos não pode ser encarregar de cuidar de outras nações, como proposto na Liga das Nações, se não consegue impedir que os linchamentos ocorram em seu território nacional. É relevante que exista uma conferência de escopo nacional para tratar do problema do linchamento racial. Há um ataque, tanto por parte de Hughes quanto de uma palestrante mulher, Shaw, a lei da multidão, ou seja, da multidão se utilizar de seu poder em números para fazer valer sua lei. Shaw diz entender os sentimentos dos negros por também pertencer a um grupo que não teve o seu direito de voto preenchido. Um general congratula os negros em seu desempenho nos primeiros experimentos em utilizá-los em outras áreas que não fossem a infantaria nem a cavalaria. É esse o tom do artigo. O texto e os discursos reproduzidos nele trazem uma clara oposição entre o linchamento e a civilização.

No dia seguinte, outra matéria, ainda sobre a Conferência Nacional sobre Linchamento reporta que uma lei federal contra o linchamento havia sido exigida pelos participantes. Um dos discursos aponta para a ligação entre o preconceito contra os negros e os linchamentos. Não seria possível parar os linchamentos enquanto não se fizesse algo a respeito do preconceito generalizado<sup>140</sup>. Há um silêncio editorial sobre esse assunto no *Tribune*.

Ainda na mesma página, socialistas que teriam conexão com o governo Democrata federal são acusados de se utilizarem de seus ideais para convencerem e afastarem negros Republicanos do seu partido “natural”. A responsabilidade seria da Associação Nacional pelo Avanço das Pessoas de Cor<sup>141</sup> e a matéria aponta que um clube Republicano de mulheres negras já teria ficado independente do partido e adquirido tendências socialistas.

Sobre a relação entre o Comitê Lusk e seus documentos e a violência racial, o *Tribune* não se focou na questão racial quando divulgou os documentos da investigação. A única matéria encontrada sobre esse assunto, não traz a questão racial em nenhum ponto de destaque: nem na manchete, nem nos subtítulos. É preciso ler toda a matéria para receber a informação de que um dos documentos é um ensaio que evidencia a necessidade de incluir os negros na luta do socialismo e transformar suas lealdades de raça em lealdade de classe. O autor do texto sugere que isso seja alcançado através de uma maior visibilidade para as causas

---

<sup>139</sup> *New York Tribune*, 06/05/1919, p. 12. No original: “Nation Should Stop Lynching Says Hughes”.

<sup>140</sup> *New York Tribune*, 07/05/1919, p. 08.

<sup>141</sup> No original: *National Association for the Advancement of Colored People*.

dos negros dentro do movimento socialista<sup>142</sup>. Nenhum outro relato ou editorial sobre a questão racial dentro dos documentos do Comitê Lusk foi encontrado.

Outro aspecto que explica a violência racial do período é a utilização de trabalhadores negros para quebrarem as greves. Como os negros não podiam se afiliar a maioria das organizações sindicais, especialmente aquelas controladas pela AFL, eles eram contratados durante períodos de greve para atrapalhar a luta dos outros trabalhadores e garantirem que a produção não parasse.

No dia 11 de fevereiro de 1919, o *Tribune* dá detalhes sobre uma companhia de construção que se utilizou da mão de obra negra e de ex-soldados para quebrar uma greve que já durava desde o início de novembro de 1918<sup>143</sup>. Outro exemplo pode ser visto numa manchete sobre a greve das trabalhadoras da indústria de seda. As trabalhadoras conseguiram um acordo com seus patrões pelo direito de trabalhar cinco dias na semana através da greve. O relato de uma representante de um sindicato de trabalhadoras mulheres acusa os fabricantes de terem se utilizado da mão-de-obra de mulheres negras, sob o falso pretexto de americanização, com o objetivo de quebrar a greve<sup>144</sup>.

Além disso, esse período viu ressurgir a Ku Klux Klan. Ela havia sido fundada em 1915 e havia crescido de maneira lenta durante seus primeiros anos. No período pós-guerra, no entanto, seus números aumentaram bastante. Assim como as sociedades patrióticas, a Ku Klux Klan também atacou o radicalismo dentro dos Estados Unidos, mas esse não era o seu objetivo principal. As acusações de radicalismo eram usadas pela organização para sua própria vantagem quando necessário (MURRAY, 1964).

Assim como a Ku Klux Klan não surgiu com o começo do *Red Scare*, nem a violência racial nem a utilização de trabalhadores negros para quebrarem greves são exclusivas desse período. Schmidt (2004) aponta pelo menos um exemplo de grande violência racial antes do ano de 1919, em Julho de 1917 em Illinois. O autor também indica que as investigações sobre a “deslealdade” da população negra começaram antes do início da guerra.

### 3.8 O Fim do Red Scare

Para Schmidt (2004), a *Palmer Raid* de janeiro de 1920 foi o começo do declínio do *Red Scare*. Outras batidas policiais estavam programadas, mas o BI foi forçado a abandonar

---

<sup>142</sup> *New York Tribune*, 28/06/1919, p. 03.

<sup>143</sup> *New York Tribune*, 11/02/1919, p. 05.

<sup>144</sup> *New York Tribune*, 14/02/1919, p. 04.

seus planos e, ao invés disso, justificar suas ações recentes. Enquanto, a maioria dos historiadores, Murray (1964) inclusive, credita o fim do período à queda na histeria pública, ao fim da expansão do comunismo na Rússia, à diminuição das tensões sociais e das atividades radicais e à revolta pública contra os excessos cometidos durante as prisões e deportação de estrangeiros.

Schmidt, no entanto, atribui esse declínio a um processo interno do governo dos Estados Unidos. Para ele, o Departamento do Trabalho conseguiu reconquistar sua autoridade no processo de deportação, retirando-o das mãos do BI e do Departamento de Justiça. Assim, o processo que era feito antes do período do *Red Scare* foi reestabelecido e tornado mais rigoroso. O estrangeiro não podia mais ser considerado culpado apenas por pertencer a uma organização radical, por exemplo, e passou a ter garantidos os seus direitos constitucionais enquanto estava sendo investigado. O Departamento do Trabalho também preparou um relatório público criticando as ações do Departamento de Justiça. Apesar disso, o BI, ainda que enfraquecido, continuou sua vigilância de atividades radicais e suas recomendações de deportações até, pelo menos, 1924.

Ao mesmo tempo, continua o autor, os aliados mais influentes das ações do BI durante o *Red Scare* também deixaram de apoiá-lo porque passou a ser uma ameaça. A AFL, que havia dado informações sobre os radicais durante o período, recuou com medo de perder o direito de fazer greves, enquanto os empregadores se preocuparam que uma medida para diminuir a imigração pudesse prejudicar a disponibilidade de mão-de-obra barata.

A imprensa conservadora, por sua vez, passou a temer a aprovação de uma lei de sedição para o período de paz e que isso pudesse cercear sua liberdade de expressão. Essa lei havia sido parte da campanha do BI e do Departamento de Justiça desde o fim da Primeira Guerra Mundial. Com a expiração dos atos aprovados para o período de guerra, era necessária outra arma para combater a sedição e a deslealdade. Depois de uma primeira tentativa com o relatório do Comitê Overman, a *Palmer Raid* de novembro foi seguida por uma proposta de Palmer de uma lei de sedição para tempos de paz. Essa pressão por uma lei teria sido, na opinião de Schmidt, o que afastou a imprensa conservadora dos esforços anti-radicais conduzidos pelo BI e pelo Departamento de Justiça.

Por outro lado, Pfannestiel (2003) sugere que houve uma continuidade do *Red Scare* para além desse período por meio do Comitê Lusk. Apesar de seu sucesso inicial, o comitê também começou a sofrer críticas por parte da imprensa por volta da segunda *Palmer Raid*. Por isso, resolveu adotar novos métodos de combate ao radicalismo escolar através de

batalhas legislativas. Através das chamadas Leis Lusk, o comitê pretendia criar regras para diminuir a liberdade de expressão dos professores e a criação de escolas privadas. Inicialmente, essa estratégia parece ter funcionado, no entanto, as Leis Lusk, apesar de terem sido aprovadas, foram muito combatidas e eventualmente anuladas.

No entanto, enquanto a caça nacional por conspirações comunistas diminuiu no início de 1920, a cruzada simplesmente tomou nova forma, em termos tanto de foco quanto de métodos, no *Empire State*, e continuou a prender a atenção do público por mais outros três anos. Somente quando as percepções públicas sobre liberdades civis começaram a se transformar, e políticos se viram incapazes de controlar essas ideias, que o *Red Scare* em Nova York chegou ao final.<sup>145</sup> (Pfannestiel, 2003, p.127).

A perspectiva do autor dá destaque para o papel da percepção do público sobre as liberdades civis para o fim do *Red Scare*. Nesse sentido, Pfannestiel se aproxima teoricamente de Murray (1964), mesmo que levante críticas a ele. Murray (1964), entre outros autores, teria reconhecido a revolta pública em relação às *Palmer Raids*, mas não relacionado essa resposta à diminuição da repressão.

Nesse sentido, Schmidt (2004) se opõe tanto a Murray quanto a Pfannestiel, relegando o papel da opinião pública para um apoio às ações governamentais. No entanto, Pfannestiel levanta uma questão interessante sobre a continuidade do *Red Scare*, sob outra forma, no estado de Nova York.

---

<sup>145</sup> No original: “However, while the national hunt for communist plots abated in early 1920, the crusade merely took on new form, in terms of both focus and methods, in the Empire State, and continued to hold the public’s attention for over another three years. Only when public perceptions concerning civil liberties began to transform, and politicians grew incapable of controlling such views, did the Red Scare in New York come to a close.”



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário salientar que uma fonte primária como a selecionada para esse trabalho oferece um grande número de possibilidades, perspectivas e enfoques. Mesmo aquelas que foram trabalhadas ainda apresentam um potencial para serem analisadas mais profundamente. De qualquer maneira, foi possível notar padrões e continuidades durante a leitura das reportagens do *New York Tribune*.

Claramente posicionado em relação às maiores questões políticas sendo discutidas no período, as escolhas do jornal fazem sentido dentro de sua posição no quadro político dos Estados Unidos, ou seja, apoiador do Partido Republicano. Leis para restringir a imigração e ampliar a sedição para tempos de paz, por exemplo, são apoiadas pelos editoriais publicados no jornal.

O discurso do *Tribune* em relação às greves foi aumentando o tom sensacionalista ao longo do *Red Scare*, mas seu posicionamento foi, desde o início da análise, quase sempre, a favor dos interesses do patrão. Mesmo quando reconhecia a justiça da causa da greve, o jornal sempre apresentou outros motivos para desacreditar o esforço dos trabalhadores. Assim, podemos ver o argumento de Schmidt (2004) sobre reconhecer o interesse dos grupos por trás da promoção da campanha anti-radical. A mudança no tom das matérias do *Tribune* pode ser vista ao comparar, por exemplo, os relatos da greve geral de Seattle com os da greve dos mineiros, por exemplo. Enquanto o radicalismo da primeira greve é retratado como um esforço de poucos líderes que pretendem conduzir os Estados Unidos a uma revolução, na greve dos mineiros não vemos mais esse cuidado com a não generalização. A greve dos mineiros é atacada como um todo e tem suas razões questionadas.

Outra das mudanças no discurso que podem ser observadas ao longo das edições estudadas é a questão do termo “vermelho”, usado como um sinônimo de Bolchevistas. Nas primeiras edições analisadas, ambos os termos eram usados exclusivamente para se referir aos russos que estavam sob o domínio do governo soviético. A partir da greve de Seattle, os termos passam a ser cada vez mais abrangentes e se transformam quase num sinônimo de “radical”. Esse fenômeno não passa despercebido. No dia 23 de maio de 1919, o próprio *Tribune* publicou um editorial criticando o uso amplo do termo “Bolchevista”, que havia se tornado uma forma de demonstrar desaprovação à posição de outra pessoa. O autor do texto

faz, então, um apelo para que o Bolchevismo ficasse conhecido pelos seus próprios pecados porque só com conhecimento ele poderia ser combatido<sup>146</sup>.

Outra observação sobre a cobertura do *Tribune* é que quase todas as greves, e foram muitas, desse período de aproximadamente um ano, negaram e/ou foram acusadas de bolchevismo ou radicalismo. A AFL, por exemplo, posicionou-se, mais de uma vez, na luta contra o bolchevismo.

Boa parte das questões políticas da época passava pelo Bolchevismo. O aumento de salário dos professores, por exemplo, foi discutido como uma medida de combate ao radicalismo. A restrição à imigração, que foi analisada sob o ponto de vista econômico também foi discutida como uma forma de impedir a entrada de estrangeiros que pudessem ajudar a espalhar a doutrina soviética. As posições do Presidente Wilson eram frequentemente descritas como “pró-bolchevistas”, por exemplo.

Esse trabalho ajudou a responder algumas perguntas, mas, em realidade, criou muitos mais inquietamentos. Como na questão racial, tanto Murray (1964) quanto Schmidt (2004) descreveram o período analisado como cheio de violência racial e linchamentos. O *Tribune* não entando quase não trata dessa questão. A própria existência de uma Conferência Nacional sobre Linchamento fala da relevância e da frequência desses atos. Seria interessante, portanto, encontrar relatos e/ou fontes que mostrassem a existência desses linchamentos no estado de Nova York e confrontá-los com as edições dos dias seguintes do *Tribune*. Outra possibilidade seria confrontar as matérias do *Tribune* com as produzidas pelas publicações do movimento negro.

Além disso, analisar o mesmo período e, conseqüentemente, os mesmo eventos sob a perspectiva da imprensa radical poderia render comparações interessantes. O *New York Call*, por exemplo, é constantemente usado como referência de publicação radical pelo *Tribune*. A questão do gênero e a sua representação na imprensa tanto conservadora quanto radical também merece uma maior discussão.

O *Red Scare* foi um período curto, mas complexo. Foi, no fundo, uma batalha política e legislativa pelo controle da imigração, de deportação e da liberdade de expressão. Foi também uma resposta aos avanços conseguidos pelos diversos movimentos sociais durante o período da guerra e nos anos anteriores a ela. Ele não é produto de uma histeria temporária ou uma exceção, mas, sim, faz parte da história do conservadorismo estadunidense.

---

<sup>146</sup> *New York Tribune*, 23/05/1919, p. 12.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes consultadas:

Todas as edições do *New York Tribune* utilizadas nesse trabalho estão disponíveis para consulta em: << <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/>>>.

### Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **A opinião pública não existe**. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Marco Zero Limitada, Rio de Janeiro, 1983, p.173-182.

BRIGGS, Asa; BURKER, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BUHLE, Mari Jo; BUHLE, Paul; GEORGAKAS, Dan. **Encyclopedia of the American Left**. Garland Publishing, Inc., 1990.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FONER, Eric. **Give Me Liberty! An American History**. W. W. Norton & Company, Inc. NY. 3ª edição. 2010.

HAYDEN, Joseph. **Negotiating in the press: American journalism and diplomacy, 1918-1919**. Louisiana State University Press, 2010.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2005.

MURRAY, Robert K. **Red Scare: A Study in National Hysteria, 1919-1920**. First McGraw-Hill Paperback Edition, 1964.

MURRIN, John. et al. **Liberty, Equality, Power. A history of the American people**.

O'KEEFE, Kevin J. **A Thousand Deadlines: The New York Press and American Neutrality, 1914-17.** Martinus Nijhoff, 1972.

SCHMIDT, Regin. **Red Scare: FBI and the Origins of Anticommunism in the United States, 1919-1943;** e-book. Museum Tusculanum Press, 2004.

SPENCER, David R. **The Yellow Journalism. The Press and America's Emergence as a World Power.** Northwestern University Press, 2007.

PFANNESTIEL, Todd J. **Rethinking the Red Scare: The Lusk Committee and New York's Crusade against Radicalism, 1919-1923.** Routledge, 2003.